G.Ernest Thomas

VIDA ESPIRITUAL PELO DÍZIMO

ImprensaMetodista

Do original:
"Spiritlial Life Through Tithing" Copyright de Tidings, Nashville, Tenn., E.U.A.
Traduzido e publicado com a devida autorização

Tradução de
Oswaldo Ramos

Junta Geral de Educação Cristã
da
Igreja Metodista do Brasil.
São Paulo

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

"Vida Espiritual pelo Dízimo" é um livro cuja leitura fará bem a todos os membros da Igreja. De fato, deveria ser leitura obrigatória para todos os cristãos.

O dinheiro — como ganhá-lo e como gastá-lo inteligentemente — forma uma das principais preocupações do homem moderno. Mas de muito mais importância é o efeito deste dinheiro na vida espiritual do homem. A Bíblia nos ensina que "o amor ao dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé" (Tm 6:10).

O autor, Dr. G. Ernest Thomas, diretor do Departamento de Vida Espiritual da Junta Geral de Evangelização da Igreja Metodista nos Estados Unidos, enfatiza os valores espirituais que resultam da prática do Dizimo. Sem descuidar dos perigos do Dízimo, ele o coloca no seu devido lugar como prática sadia e cristã, bastante negligenciada pela Igreja hodierna.

Que o leitor se sinta verdadeiramente inspirado e abençoado pela leitura deste livro é o desejo da Junta Geral de Educação Cristã.

CHARLES W. CLAY

Secretário Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil

CAPITULO I

REDESCOBERTA DO DÍZIMO

O dízimo é a muralha que o Cristianismo edifica para sustar os ataques do materialismo. Ele é importante porque o resto da resposta cristã ao problema humano depende dele em grande parte.

Esta geração está experimentando uma nova consciência da necessidade de uma dedicação mais completa da vida a Deus, por parte daqueles que professam a fé cristã. As tendências da civilização atual indicam que devemos descer à profundidade extrema da fé se quisermos avançar em extensão — no progresso. Todas as pessoas esclarecidas estão cientes das forças em conflito no mundo. É uma época que clama por uma entrega mais completa do dinheiro e da vida para a realização da vontade e propósito do Deus Todo-Poderoso.

O dinheiro atingiu um lugar de suma importância na vida do homem do século XX. Cada ano que passa há menos pessoas vivendo um tipo de vida em que elas mesmas produzem o que é necessário à vida. O dinheiro tornou-se o poder de aquisição que satisfaz quase todas as exigências físicas. Até o fazendeiro tem de usar o dinheiro. Algumas décadas atrás o lavrador tirava do solo o suficiente para suprir as necessidades de sua família. Seus campos eram lavrados por meio de animais que também subsistiam com o produto do seu trabalho. Mas, agora, o lavrador precisa de dinheiro para trabalhar no campo. Ele compra, ao invés de produzir, a maior parte do seu alimento. O dinheiro paga a força elétrica que faz funcionar sua maquinaria e o óleo exigido pelo seu trator. Sua vestimenta é comprada numa loja e sua recreação é adquirida com o investimento monetário que faz, comprando um aparelho de rádio ou televisão.

Isto que aconteceu em anos recentes ao fazendeiro tem sido desde há muito a experiência de milhões de trabalhadores que ganham a vida nas fábricas ou escritórios. Para muitas pessoas, ganhar dinheiro, tornou-se uma finalidade na existência.

A crescente importância do dinheiro desviou o foco de atenção da verdadeira fonte dos bens do mundo. O homem que trabalhava no campo para conseguir o essencial para o sustento estava apto para observar o poder criador de Deus em sua vida. Quando ele dependia da chuva, do sol e do solo fértil para seu bem-estar, era-lhe natural reconhecer um amoroso Pai Celestial. Mas, tal reconhecimento torna-se mais difícil quando o dinheiro se torna a fonte de suas satisfações físicas. É difícil imaginar Deus trabalhando na produção de uma máquina ou fábrica. Então, o homem é tentado a render culto devocional a um envelope de pagamento ou a um livro de cheques. Isto significa dinheiro para ele. É a fonte de seu conforto e prazeres.

A necessidade de um padrão pelo qual, os cristãos fervorosos, pudessem medir seu reconhecimento do providencial cuidado de Deus levou-nos a uma redescoberta do dízimo. Na era da máquina o homem é tentado a crer que sua perícia e inteligência produziram valores materiais. Ele presume a inexistência do poder de Deus no mundo, ou coloca Deus num lugar tão distante da vida universal que o homem não tem contato vital com Sua natureza.

O dízimo destrói todas as barreiras criadas pela arrogância humana quanto à sua suficiência própria. Ele atesta a realidade da presença de Deus no mundo. Ele dá a todo o indivíduo uma oportunidade de afirmar seu credo e confiança no poder criador e mantenedor de Deus. Além disto, oferece um método uniforme de reconhecimento. A inflação dos valores monetários muitas vezes deixa as contribuições que os homens fazem para as causas religiosas e humanas muito longe da renda nacional. Ao mesmo tempo que isto é perigoso para a causa cristã é muito mais perigoso para a alma do homem. Isto porque a realidade da presença de Deus tende a tornar-se eficiente na proporção direta da quantia que uma pessoa deposita no altar.

A idéia do dízimo foi redescoberta, então, como um resultado da urgente necessidade de uma medida histórica e prática pela qual cada cristão pudesse reconhecer, pessoalmente, que ele e o mundo que o cerca, são um produto da bondade criadora de Deus.

QUE É O DIZIMO?

Que é o dízimo? É um hábito regular pelo qual um cristão, procurando ser fiel à sua crença, põe à parte, pelo menos dez por cento de suas rendas, como um reconhecimento das dádivas divinas. Ele reconhece, assim, que Deus é o Senhor de todas as fontes terrenas.

As implicações são de longo alcance e constituem a base da vida religiosa. Entregar o dízimo não é comprar favores de Deus, mas, pagar tributo (oferecer ação de graças) ao Pai Celeste que é a fonte de toda a possessão material.

Quando um cristão reconhece as dádivas de Deus, separando um décimo (10%) dos seus rendimentos, expressa assim sua convicção de que Deus é o doador de tudo quanto ele tem. Ele admite que o produto da mina ou o solo fértil somente podem ser explicados pelo longo processo criador que é o resultado da relação entre Deus e o Universo. O dinheiro que o vendedor, o padeiro ou o fabricante ganham tem sua origem primária naqueles elementos que o homem não criou nem poderia criar. Cada ocupação ou profissão que emprega esforços humanos relaciona-se com fatores que estão além do poder produtivo do homem. Eles apontam sem sombra de engano para a realidade de Deus.

Pelo dízimo se supõe, também, que Deus continua a ser o dono das posses materiais que são confiadas ao homem. O título final da propriedade ou dinheiro não fica com o homem, mas, com Deus. O homem pode ser um mordomo destas possessões durante muitos anos; no entanto, ele deve inevitavelmente entregar aqueles títulos no fim de sua vida terrena, e sua posse passa, então, à guarda de alguma outra pessoa. O homem não possui o mundo material; ele é meramente um

mordomo.

Guilherme Colgate foi dizimista durante toda sua longa e bem sucedida vida comercial. Ele não dava meramente um décimo de seus lucros com os produtos Colgate, mas, dava dois décimos, depois, três décimos, e finalmente, cinco décimos, ou seja, dava 50%, a metade da sua renda para o trabalho de Deus no mundo. Durante os últimos dias de sua vida ele revelou a origem da sua devoção à idéia do dízimo. Quando aos 16 anos de idade, deixou o lar para procurar emprego na cidade de Nova York. Ele havia antes trabalhado numa fábrica de sabão. Quando disse ao capitão do barco em que viajava que pretendia fabricar sabões na cidade de Nova York, o homem lhe deu este conselho: "alguém será, em breve, o maior produtor de sabões de Nova York. Você pode ser esta pessoa. Mas, você nunca deve perder de vista o fato de que o sabão que você faz, foi-lhe dado por Deus. Honre-o repartindo o que você ganhar. Comece dando um décimo de tudo quanto receber."

Guilherme Colgate sentiu a necessidade de dar o dízimo porque reconheceu que Deus era o doador de tudo quanto possuía, não somente da oportunidade, mas até mesmo dos elementos que eram usados na manufatura de seus produtos.

O dízimo é um testemunho da bondade criadora de Deus. O homem deve admitir que depende das bênçãos contínuas do criador. Estudada sob esta luz, o dízimo se torna uma necessidade prática ao cristão que deve ser fiel à sua fé e torna-se, também, uma porta larga, aberta à comunhão com Deus.

A redescoberta do dízimo nesta geração é significativa não só para a vida cristã individual, mas para a civilização também. Há quatro grandes ameaças ao cristianismo no mundo moderno. Elas são: o Secularismo, o Materialismo, o Humanismo e o Comunismo. Uma prática comum e generalizada do dízimo dará uma solução eficiente a cada um desses grandes problemas atuais.

Um cristão pode dizer que crê em Deus, mas tal asserção é verdadeira apenas parcialmente, se não for acompanhada de entrega e sacrifício pessoal. Assim é que a certeza da fé, que se evidencia na entrega do dízimo para o trabalho de Deus e para o bem estar humano, é um desafio completo aos inimigos contemporâneos, mediante a fidelidade a Deus.

GUERRA AO SECULARISMO

O secularismo é o primeiro grande adversário do cristianismo na época atual. Uma aceitação completa da idéia e prática do dízimo por cristãos professos será uma barreira eloqüente contra esta crescente ameaça.

Uma sociedade secular é uma sociedade sem Deus. É um mundo onde as coisas materiais tornam-se os ditadores. A felicidade vem mediante a satisfação dos sentidos, ou pela posse e uso das coisas.

Jesus de Nazaré declarou que, "onde estiver teu tesouro aí também estará teu coração". Na sociedade secular, o tesouro que o homem procura está nas satisfações físicas. As coisas materiais tornam-se objetos de imenso interesse para aquele que é adepto do ponto de vista secular.

As coisas que um homem aspira ardentemente na sociedade secular podem ser bem definidas como inventos artificiosos. Elas incluem uma multidão de máquinas cuja finalidade é tornar a vida mais fácil, ou que servem para distrair. Muitas delas são úteis. Incluem o automóvel, o aparelho de televisão, a máquina de lavar roupa e a torradeira elétrica. Estes inventos servem para tornar a vida mais confortável e para preencher as horas de lazer, mas, muito freqüentemente o homem chega à conclusão de que estas coisas são de primeira importância na vida.

Poucas pessoas escapam do impacto do secularismo. Ele se infiltra calmamente no lar cristão sob a forma de insinuações de algum membro da família que pensa que o lar deveria possuir mais um aparelho brilhante, moderno.

O secularismo apanha o foco da atenção em Deus e desvia-a para as coisas materiais. Apanha em sua rede pessoas antes devotas, que agora se envolvem num tipo de crença em que Deus de todo o universo é substituído por uma deidade material. O prazer, a comodidade e a satisfação física tornam-se os desejos consumidores da vida.

O dízimo é um golpe mortal no coração do secularismo. Torna-se uma confissão de fé em Deus para todo o indivíduo que o pratica. Dar o dízimo, ou melhor, entregá-lo, não significa absolutamente que não devemos procurar e usar os aparelhos que poupam o trabalho e os modernos meios de transporte, mas, significa que tudo na vida será visto por um ponto de vista superior. O dízimo é o reconhecimento da bondade criadora e sustentadora de Deus. É um ato de dedicação que indica imediatamente que a pessoa que entrega o dízimo a Deus em primeiro lugar, relega suas satisfações físicas para o segundo plano.

É indiscutível se a luta contra o secularismo pode ser ganha sob outra base qualquer. Poucos indivíduos são capazes de lutar contra a pressão do mundo secular a menos que o dinheiro seja visto como algo sagrado. A adoração é importante como uma chave para a realidade, mas, as experiências espirituais duradouras devem ser acompanhadas pela entrega do dinheiro, se o cristão deseja ganhar a batalha espiritual contra o pecado.

O dízimo é uma maneira simples e prática pela qual o seguidor de Jesus reconhece a obrigação que deve ao Deus Todo Poderoso. Nenhuma sociedade será aprisionada por um espírito do secularismo quando as pessoas cultivam o reconhecimento da presença de Deus no mundo. A completa aceitação do dízimo é a resposta ao crescente problema do secularismo na sociedade moderna.

MATERIALISMO

Paulo estava ciente do materialismo que prevaleceu durante o primeiro século depois de Cristo. Ele disse: "o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, cobiçando-o, se desviaram da fé e se transpassaram a si mesmos com militas dores." (I Tim. 6:10)

João Wesley expressou grande preocupação pela ameaça do materialismo nos metodistas da Inglaterra. Escrevendo em seu diário, em 12 de outubro de 1760, ele diz: "nos três dias seguintes falei severamente aos membros da Sociedade de Bristol. Visto que muito deles prosperam em bens materiais, suponho que seu grande perigo será cair no espírito do mundo, e então, sua religião nada será senão um sonho."

O dízimo é uma forma de disciplina que serve para manter tudo quanto é material na perspectiva própria, porque o dinheiro e propriedades materialistas costumam ser fins em si mesmos; tornam-se valores completamente separados de sua fonte e seu uso próprio. O dízimo muda o foco vital. Ele torna o indivíduo que dizima capaz de reconhecer que a origem de toda a existência deve ser encontrada nas obras de Deus.

É certo que o dízimo sozinho não muda a atitude mental. Entretanto, é o método pelo qual idéias básicas são mudadas. Uma pessoa que entrega o dízimo tem seus olhos abertos e sua percepção esclarecida àquelas paisagens no universo que ele não percebe quando seus olhos estão focalizados somente nas satisfações materiais.

Muitos pensadores cristãos estão certos de que a presente luta entre o materialismo e o cristianismo é crucial. Uma consideração cuidadosa fará parecer evidente que a vida disciplinada no dízimo é um meio pelo qual, mais que por argumentos racionais, as pessoas permanecem cônscias do lugar que Deus ocupa em suas vidas.

HUMANISMO

Outro adversário do cristianismo na sociedade contemporânea é o humanismo. É aquela filosofia que assevera que o homem por sua própria força resolverá os problemas do mundo. Afirma que Deus não é necessário na batalha do homem contra os males que o enfrentam.

Clare Booth Luce notou a natureza mortal do humanismo que envenena a fé religiosa numa palestra em que disse: "na minha mesa há 10 ou 20 volumes, recém-publicados, escritos por homens de talento considerável, e grande prestígio intelectual. De acordo com seus títulos, cada um deles está cheio de análises racionais sobre o aspecto corrente da trágica situação humana na sua crise mundial. São verdadeiros pudins de fórmulas engenhosas, panacéias e artifícios. Mas, a promessa básica de todos é que o homem pode levantar-se por si mesmo, senão o milênio, pelo menos por meio desta coisa chamada progresso. Cada autor parece estar certo de que se "toda a humanidade", num esforço supremo, gemesse um "hoi!", salvar-se-ia por si mesma.

O humanismo inspira confiança apenas no poder humano para sobreviver e triunfar sem a menor interferência de Deus. Naturalmente, o humanismo fica um tanto desiludido quando o ódio, a avareza e a luxúria estão combinados numa escala nacional para trazer guerra, destruição e morte. Então, o humanismo afunda-se em trágico desespero. Em época de tragédia nacional ou pessoal ele é um homem sem esperança.

O dízimo — se largamente difundido — servirá como uma resposta prática ao humanismo. Nenhuma pessoa que honra a Deus dando 10 por cento pelo menos de seus bens materiais, permanecerá alheio à realidade da presença de Deus no mundo. Ele não perderá a visão de Deus, nem se gloriará no poder do homem para resolver seus problemas por sua própria força. O dízimo será um lembrete diário de que cada indivíduo depende do Criador para as bênçãos que o rodeiam. Ele experimentará em sua própria vida uma certeza crescente da presença divina no universo e receberá uma porção daquele poder de Deus, para ajudá-lo diariamente.

RESPOSTA AO COMUNISMO

O comunismo inclui tanto o secularismo como o materialismo. Mas, é mais que isto. Concebido com uma filosofia designada para beneficiar a todos, o comunismo tornou-se um credo que considera a alma individual como não tendo nenhum valor. O comunismo floresce no meio da pobreza e morte, medra na degradação e injustiça. A fome e o frio são seus mensageiros.

A marcha do comunismo através do mundo torna fácil a um governo e seu povo presumir que o crescimento do comunismo é o resultado da intriga e da trama, e esqueceu-se de considerar a situação dentro do país, a qual pode ter dado origem às idéias falsas.

Há diversos anos atrás, J. W. Bradley, um missionário na China, escreveu de Suchien sobre o que ele observou na vida daquela comunidade. Disse ele que das cento e sessenta e quatro famílias da vila, cento e quarenta e oito estavam vivendo de ramagem de batata, em fevereiro, enquanto esperavam pela colheita, em junho. Descreveu as crianças famintas que se reuniram ao redor dele quando se sentava à margem da estrada para almoçar. Suas faces esquálidas e choro agonizante tornavam impossível ao missionário alimentar-se. Então, ele dava o que tinha aos famintos. Um homem sentado ali perto, que disse-lhe: "quando o senhor veio aqui há alguns anos eu o chamei de diabo estrangeiro. Agora vejo o senhor andando de uma parte para outra distribuindo pão ao meu povo e cuidando dos doentes, e o senhor faz tudo isto por Jesus. Dr. Bradley, quem é Jesus?"

Em vista da terrível marcha do comunismo através da China, torna-se claro que a tragédia veio porque não havia suficientes Drs. Bradleys para criar dentro das mentes do povo da China um desejo de conhecer e seguir a vida cristã. E por que não havia mais Drs. Bradleys trabalhando em vilas como a de Suchien? Porque muitos cristãos professos falhavam em reconhecer sua dívida para com Deus, separando seu dízimo estendendo uma mão ajudadora à China, ao Japão e outros lugares do mundo.

O tipo de vida em que nós mantemos todas as nossas possessões materiais para serem apenas nossas e no qual nós clamamos pelo conforto da civilização primeiramente para nós mesmos, tem sido o alicerce para o crescimento rápido do comunismo. Os pobres e famintos sempre atirarão suas forças contra um mundo que contém bens materiais suficientes para salvá-los, e às suas crianças, da morte, mas, que permite

a um grupo acumular tudo isto como se fosse um tesouro especial para ser usado egoisticamente por algumas pessoas apenas.

Considere o que acontecerá quando os cristãos redescobrirem o dízimo. Arrogantes asserções sobre privilégios silenciarão, numa certeza das dádivas sempre presentes de um amoroso pai celestial. O dinheiro será obtido em quantias crescentes para auxiliar os necessitados e para espalhar a causa cristã através do mundo. O Comunismo não pode prosperar onde os cristãos vivem com uma certeza diária de que este mundo é de Deus, e são guiados de modo a permitir que este credo determine suas relações com outras pessoas em todos os lugares.

Uma nova sociedade aparecerá quando os cristãos decidirem ser dizimistas. Será uma sociedade em que o comunismo achará difícil recrutar adeptos. O dízimo é uma resposta prática à marcha do comunismo no mundo.

RECONHECIMENTO DAS DÁDIVAS DE DEUS

O dizimo não é primariamente um desafio aos cristãos para dar uma quantia especificada de dinheiro à Igreja e suas instituições. O dízimo manterá tais trabalhos dignos, mas, não é isto que dá à prática seu ímpeto. O dízimo é um reconhecimento prático de que Deus é o doador de tudo na vida.

O dízimo não é uma prática que os cristãos seguem para garantir para si mesmos um lugar no céu. O dízimo usualmente muda atitudes e idéias na vida de uma pessoa de modo que será um candidato com mais chance à vida eterna, mas, o dízimo não foi sugerido por este fato. O dízimo é, antes, uma prática pela qual o povo hebreu e os seguidores de Jesus Cristo colocavam à parte pelo menos dez por cento de seu rendimento para a manutenção do trabalho de Deus para que pudessem reconhecer todas as dádivas divinas. Começa com gratidão e amor, e termina numa generosa doação àquelas causas que precisam receber a manutenção do povo cristão.

Um novo dia de oportunidades está se abrindo para os discípulos de Jesus Cristo. Ele inclui a chamada para arrolar-se com aqueles homens e mulheres de fé e devoção poderosa, de todas as idades, que têm dado o dízimo como uma demonstração sincera e prática da bondade e misericórdia de Deus. O ato de entregar o dízimo trará nova esperança e força tanto para o indivíduo como para o mundo.

CAPÍTULO II

O DÍZIMO NO ANTIGO TESTAMENTO

Os escritores do Antigo Testamento conheciam a natureza humana. Eram pessoas que haviam observado os bens materiais muitas vezes tornar-se uma barreira que separa um homem de seu Deus. Enquanto certas passagens indicam que as leis do dízimo foram destinadas para sustentar o sacerdócio e o templo, há muitas outras que sugerem que o dízimo era considerado uma lei essencial de Deus por meio da qual a presença de Deus poderia ser conhecida e experimentada. O dinheiro e os bens materiais ficaram entre o homem e Deus nos tempos do Antigo Testamento tanto quanto ficam agora. O dízimo era um reconhecimento da providência criadora e mantenedora de Deus. Tornou-se uma prática essencial para os fiéis observadores da lei.

Nos primórdios da criação há a história de Caim e Abel, em que há uma sugestão de que a lealdade a Jeová requeria um oferecimento de bens em reconhecimento à Sua bondade. No quarto capítulo de Gênesis lemos: "e aconteceu que ao cabo de dias que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e da sua gordura. E atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta, mas, para Caim e para sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o seu semblante."

O Antigo Testamento não indica o que foi que tornou a oferta de Caim inaceitável. Podemos concluir que sua oferta estava minada pelo legalismo (ou pela arrogância de julgar-se preferido por Deus por ser o primogênito!). Ele havia escolhido frutas e vegetais de pobre qualidade, ou de forma imperfeita, ou ele havia sido miserável na quantia que preparara para o sacrifício. A passagem sugere que as oferendas trazidas pelos irmãos eram para reconhecer a bondade de Jeová e para expressar-lhe agradecimentos pelas sua misericórdia.

Esta é a mais antiga menção, no Antigo Testamento, de homens que trouxeram porções de seu rendimento e colocaram-nas sobre o altar. Estabelece o padrão para a maioria dos ensinos concernentes ao dízimo que deveriam aparecer durante os séculos que se seguiram. Para cada passagem em que o dízimo parece ser uma transação legalística para satisfazer ou as exigências férreas de um Deus cruel, ou a necessidade de dinheiro para sustentar o templo, há muitos outros capítulos em que o dízimo é interpretado como um ato de adoração e louvor, provenientes da certeza das contínuas misericórdias e dádivas de Deus Todo-Poderoso.

A primeira menção específica do dízimo no Antigo Testamento ocorre na narrativa que fala sobre a dádiva que Abraão trouxe ao altar. Melquisedeque era, então, o "sacerdote do Deus Altíssimo". Depois de uma vitória sobre o rei de Sodoma, Abraão recebeu grandes homenagens pela sua conduta na batalha. Mas, Abraão não estava interessado em triunfos pessoais. Ele deu a honra da vitória a Jeová. E em reconhecimento pela ajuda divina "Ele Lhe deu um décimo de tudo". É o que o escritor declara em Gn 14:20. Assim, o dízimo do povo de Deus nascia!

Nenhum erudito foi capaz de explicar satisfatoriamente porque Abraão decidiu que a décima parte seria uma quantia apropriada para agradecer a misericórdia divina. Possivelmente, ele foi influenciado pelo fato do povo da Babilônia e Assíria ser obrigado a dar um décimo de suas posses como um sacrifício a seus deuses. Mas a lealdade de Abraão deve ter vindo como o resultado da certeza de que a adoração a Jeová requeria um sacrifício valioso da parte de quem estivesse procurando Sua presença. Qualquer que tenha sido a razão parece que Abraão considerava a entrega do dízimo um fato básico da adoração a Deus.

No tempo de Moisés o dízimo foi reconhecido por todos os filhos de Israel como um padrão de dádiva. A experiência santa do Monte Sinai trouxe à existência não somente os Dez Mandamentos para guiar o povo,

mas, trouxe também uma lei muito bem desenvolvida sobre o dízimo que seria, desde então, observada por todos os hebreus fiéis.

"Também todas as dízimas do campo, da semente do campo, do fruto das árvores, são do Senhor: santas são do Senhor." (Lv 27:30)

Aqueles que estão interessados no dízimo, em nossos dias, como um ato de devoção, às vezes falham em reconhecer o fato de que o dízimo do Antigo Testamento não findava com a dádiva de um décimo. Logo após o estabelecimento dos filhos de Israel na Terra Prometida, um segundo dízimo veio a ser reconhecido como um ato de adoração. Este segundo dízimo era trazido a uma reunião anual do povo. O escritor diz: "Certamente darás os dízimos de toda a novidade da tua semente, que cada ano se recolher do campo. E perante o Senhor teu Deus, no lugar que escolher para ali fazer habitar o seu nome, comereis os dízimos do teu grão, do teu mosto, e do teu azeite, e os primogênitos das tuas vacas e das tuas ovelhas para que aprendas a temer o Senhor teu Deus todos os dias." (Dt 14:22-23).

A celebração do agradecimento não era efetuada anualmente no mesmo lugar geográfico enquanto o templo não foi erigido em Jerusalém. Antes disto, os festivais de agradecimento eram observados em lugares separados através da terra e o festival tornou-se uma época em que tais porções do povo eram completamente dedicadas a Jeová. Era, evidentemente, uma ocasião de grande alegria e reunião familiar. No capítulo 12 de Deuteronômio está registrado: "mas, o lugar que o Senhor vosso Deus escolher de todas as vossas tribos, para ali por o seu nome, buscareis para habitação, e ali vivereis. E ali trareis os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos e a oferta alçada da vossa mão, e os vossos votos, e as vossas ofertas voluntárias, e os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas. E ali comereis perante o Senhor vosso Deus, e vos alegrareis em tudo em que poreis a vossa mão, vós e as vossas casas, no que te abençoar o Senhor teu Deus."

No entanto, a dádiva do fiel hebreu não findava nem mesmo com os dois dízimos que incluíam o dízimo geral e o dízimo de agradecimento. De três em três anos o povo era solicitado a trazer um terceiro dízimo para sustento dos necessitados. O escritor de Deuteronômio descreve-o como segue: "Ao fim de três anos tirarás todos os dízimos da tua novidade no mesmo ano, e os recolherás nas tuas portas; então virá o levita (pois, nem parte nem herança tem contigo) e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão dentro das tuas portas, e comerão, e fartar-se-ão para que o Senhor teu Deus te abençoe em toda a obra das tuas mãos, que fizeres." (Dt 14:28-29)

O Antigo Testamento não oferece um meio fácil pelo qual um indivíduo possa pagar suas obrigações a Deus. Os que criticam o dízimo na lei como uma exigência, superior a um sacrifício que não podem cumprir, não são capazes de aperceber-se de que o Antigo Testamento incluía dois dízimos anuais durante dois anos e três dízimos no terceiro ano.

Muitos cristãos que tentam evitar as implicações do dízimo em nossa geração estão atrapalhados menos pelo legalismo do dízimo que pelo custo e sacrifício que ele envolve.

O dízimo está escrito de maneira inegável na vida do povo dos tempos do Antigo Testamento. Ler os livros da Lei e dos profetas é ouvir a voz de desafio à vida dedicada, voz que clama pelo dízimo como a única medida adequada para a mordomia dos bens materiais.

ENTREGAR O DÍZIMO É AGRADECER A DEUS

Certos princípios tornam-se evidentes depois de um exame do ensino do Antigo Testamento. São princípios verdadeiros, guias daqueles que estão desejosos de reconhecer o dízimo como inerente à experiência dos cristãos desta geração.

Em primeiro lugar, o dízimo não era, no Antigo Testamento, um meio de manter o templo, o sacerdócio, ou se recolher do campo. Nos tempos de Saul, David e Salomão, os dízimos eram usados para aquele propósito, mas, a direção em que o dinheiro ia não era essencial no

desenvolvimento do plano-dízimo. Este foi desenvolvido como princípio de devoção religiosa, como um meio de agradecer a Deus por Sua bondade e reconhecer a dependência humana da providência mantenedora de Jeová.

O livro de Deuteronômio dá-nos uma ampla visão do espírito do povo que sentia que Jeová era o fato mais importante em suas vidas. Como parte deste louvor, um fervoroso israelita viria diante do sacerdote e diria: "Hoje declaro perante o Senhor meu Deus que entrei na terra que o Senhor jurou a nossos pais dar-nos." (Dt 26:3)

Depois, apresentando a oferta dos dízimos, o adorador continuaria "Então, clamamos ao Senhor Deus de nossos pais, e o Senhor ouviu a nossa voz, e atentou para a nossa miséria e para o nosso trabalho, e para a nossa opressão. E o Senhor nos tirou do Egito com mão forte, e com braço estendido, e com grande espanto, e com sinais e com milagres; e nos trouxe a este lugar, e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel. E eis que agora eu trouxe as primícias dos frutos da terra que Tu, ó Senhor, me deste". "Então, as porás perante o Senhor teu Deus, e te inclinarás perante o Senhor teu Deus. E te alegrarás por todo o bem que o Senhor teu Deus te tem dado a ti e à tua casa, tu e o levita, e o estrangeiro que está no meio de ti" (Dt 26:7-11).

Deve-se admitir que o dízimo não era observado sempre com esse espírito através do Antigo Testamento.

Às vezes ele se tornava uma transação legalística pela qual o doador esperava ganhar um conceito amigável de Jeová. O dízimo tornou-se em certos tempos um ato de troca pelo qual o dizimista esperava devoluções definidas e vantajosas de suas ofertas. A experiência de Jacó em Betel foi traçada por este indigno tipo de negócio. Lemos: "e Jacó fez um voto, dizendo: se Deus for comigo e me guardar nesta viagem que faço e me der pão para comer, e vestidos para vestir, e eu em paz tornar à casa de meu pai, o Senhor será meu Deus; e esta pedra que tenho posto por coluna será casa de Deus: e de tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo" (Gn 28:20-22).

Tais atitudes indignas não são numerosas no Antigo Testamento, porque o dízimo, em grande parte, era entregue para reconhecer as bênçãos incessantes de um Deus amoroso.

O coração da prática do dízimo cessa de bater com vida pulsante desde que o fato fundamental da adoração é negligenciado. O dízimo é simples em seu propósito e forma. É um ato de devoção pelo qual os agradecidos filhos de Deus reconhecem Sua providência amorosa, pondo à parte um décimo do que Deus lhes tem dado.

O ATO DE DAR ENVOLVE SACRIFICIO

Em segundo lugar, as passagens sobre o dízimo no Antigo Testamento enfatizam o fato de que o ato de dar deve envolver um sacrifício. Muitos cristãos nesta geração fazem miseráveis dádivas a Deus e Sua igreja. Não fazem sacrifícios e dão sem sistema. No ensino do Antigo Testamento o dízimo requeria que a pessoa desse do melhor que possuía e numa quantia que constituísse um sacrifício.

Há um lembrete deste aspecto do dízimo em muitas das leis que estão exaradas no livro de Levíticos. Nas instruções à família de Aarão, lemos: "qualquer que, de casa de Israel, ou dos estrangeiros de Israel, oferecer a sua oferta, quer dos seus votos, quer das suas ofertas voluntárias, que oferecemos ao Senhor, em holocausto, segundo a sua vontade, oferecerá macho sem mancha, das vacas, dos cordeiros, ou das cabras. Nenhuma coisa que haja defeito oferecereis, porque não seria aceita a vosso favor. E quando alguém oferecer sacrifício ao Senhor separando das vacas ou das ovelhas um voto, ou oferta voluntária, sem mancha será, para que seja aceito; nenhum defeito haverá nele" (Lv 22:18-21).

Uma expressão nobilíssima da idéia hebraica aceita, de que o dízimo deve incluir o que de melhor o crente possui, é vista nas palavras do Rei Davi a um sacerdote: "não oferecerei ao Senhor meu Deus holocaustos que não custem nada" (2Sm 24:24). Era evidente que Davi

havia sido educado numa tradição vétero-testamentária que fazia os dízimos e ofertas que eram trazidos a Jeová, de uma tal natureza que requeriam sacrifício.

O DIZIMO RECEBE A BÊNÇÃO DO SENHOR

Em terceiro lugar, o Antigo Testamento não deixa nenhum leitor duvidar de que há recompensas à disposição daqueles que dão o dízimo. As passagens devotadas ao dízimo indicam que as recompensas são tanto materiais como espirituais. A conclusão inevitável é que o princípio do dízimo lança-se profundamente na vida do universo, e encontra uma resposta nas leis de Deus. O dizimista é abençoado muito mais que aquele que usa as dádivas de Deus sem admitir que tais tesouros constituem uma mordomia sagrada.

A narrativa de Gênesis em que Abraão coloca seus dízimos diante de Jeová é seguida por uma passagem em que o patriarca se assegura do interesse e bênçãos divinas: "depois destas coisas veio a palavra do Senhor a Abraão em visão, dizendo: Não temas, Abraão, eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão. E trouxe-o para fora e disse: Olha agora para os céus e conta as estrelas, se as podes contar. E disse-lhe: assim será a tua semente" (Gn 15:1,5).

As recompensas prometidas da mordomia são evidentes nos livros de Provérbios também, quando o leitor é lembrado a "honrar o Senhor com tua fazenda, e com as primícias de toda a tua renda; e se encherão os teus celeiros abundantemente, e transbordarão de mosto os teus lugares" (Pv 3:9-10).

A mensagem do dízimo no Antigo Testamento é acompanhada por certezas inabaláveis de que bênçãos serão dadas à vida do dizimista para enriquecê-lo além de sua expectativa. Às vezes estas bênçãos vêm sob a forma de bem-estar material, mas, inúmeras vezes, o dizimista recebe aquele maravilhoso senso da presença divina que o faz triunfante em todas as experiências do viver diário.

Desde os primeiros capítulos de Gênesis aos últimos versos no livro de Malaquias, o Antigo Testamento estabelece a esperança e urgência do dízimo. Não é suficiente declarar que o povo do tempo do Antigo Testamento dizimava: é muito mais claro declarar que uma compulsão imperativa foi colocada no Antigo Testamento para que o povo dizimasse. A origem está no desejo de encontrar uma maneira mais digna de expressar gratidão a Jeová por Sua bondade, e o resultado final foi uma fé que, embora muitas vezes provada por sofrimentos cruciais, permaneceu através das idades para enriquecer a herança religiosa da humanidade.

O dízimo é uma parte inseparável da herança total da fé judaica, aquela fé que se tornou alicerce para a revelação e esperança cristã. Quando estudamos o Antigo Testamento descobrimos o dízimo como um reconhecimento mínimo da inefável bondade do Deus de amor.

CAPITULO III

O DÍZIMO NO NOVO TESTAMENTO

O dízimo tem um lugar relativamente insignificante no Novo Testamento. Este fato explica porque muitos líderes contemporâneos da Igreja Cristã têm hesitado em aceitar e proclamar o dízimo como sendo essencial à vida cristã.

É importante descobrir porque os escritores do Novo Testamento pouco se referem ao dízimo, enquanto continuamente falavam de dinheiro de tal maneira que o dízimo deve ter parecido algo insignificante para os seguidores de Jesus que estavam ansiosos para cumprir suas obrigações para com a fé.

A primeira igreja cristã tinha que se separar da Lei do Antigo Testamento para "to lay claim to the allegiance of the Gentiles" daqueles dias. Em Jerusalém, ao fim de sua segunda viagem missionária, o Apóstolo Paulo lutou e ganhou a batalha contra o legalismo então prevalecente na secção judaica da igreja cristã. Era claro a Paulo, e tornou-se logo evidente aos outros líderes da primitiva igreja que o cristianismo seria grandemente prejudicado e poderia mesmo terminar como uma seita obscura se a fidelidade à Lei em lugar da fidelidade aos ensinos de Jesus fosse a primeira exigência sobre os recém-convertidos ao cristianismo.

O dízimo tinha uma associação estreitíssima com o Antigo Testamento. Nos séculos que precederam a era cristã o povo hebreu considerava o dízimo mais e mais como o cumprimento de meticulosas particularidades da lei e não como um ato de adoração que partisse da convicção do cuidado providencial de Jeová. O dízimo tornou-se menos um ato de dedicação que um imposto que recaia sobre cada cidadão.

É fácil compreender porque os escritores do Novo Testamento ficaram em silêncio quanto ao assunto quando consideramos a história do dízimo na vida hebraica. No entanto, muitos críticos expressam oposição ao princípio do dízimo de forma totalmente diferente daquela que ditou o silêncio dos escritores neo-testamentários, sobre o assunto. Jesus e aqueles que escreveram os Evangelhos e as epístolas nunca consideravam sua grande ênfase sobre a mordomia e seus conselhos a respeito do uso do dinheiro, como um convite aos fiéis seguidores de Cristo para darem menos de um décimo de seus rendimentos ao trabalho de Deus.

Seus ensinos e escritos davam a entender que o dízimo não era suficiente. O desafio era para que os cristãos fossem além dos judeus: que fossem além do dízimo (ou seja, o dízimo é o mínimo com que podemos contribuir).

É neste ponto que os modernos críticos da prática do dízimo entram em dificuldades. Muito freqüentemente aqueles que consideram o dízimo como um princípio legalístico estão procurando uma justificação pela qual os membros das igrejas possam dar quantias menores e ainda ser considerados fervorosos. A eloqüente asserção de que "tudo quanto possuo pertence a Deus" geralmente se transforma numa cortina atrás da qual a pessoa se esconde quando deseja dar uma miserável oferta à igreja e àquelas causas que ajudam a construir o Reino.

Certo oficial da igreja era bem conhecido pela sua falta de generosidade em contribuir. Em uma ocasião ele piamente defendeu-se dizendo: "naturalmente, não dou o dízimo. O dízimo é legalístico. Acredito que tudo quanto possuo pertence a Deus." Alguém que conhecia bem o homem disse num murmúrio, a um companheiro: "a obra do Senhor progrediria muito mais se tivesse um décimo pelo menos do rendimento daquele homem."

Nenhum cristão é justificado ao criticar o dízimo como legalismo do Antigo Testamento se ele é levado por um desejo de escapar de sua obrigação de contribuir generosamente para o trabalho de Deus no mundo.

O DIZIMO — UMA PARTE DA MORDOMIA

O Novo Testamento oferece uma revelação superior a qualquer outra dada no Antigo Testamento aos seguidores de Jesus que procuram ser fiéis no uso de seu dinheiro. O ensino cristão demanda uma atitude de mordomia. Pressupõe que Deus é o doador de tudo e, portanto, o dono de toda a vida. O dinheiro é de Deus. O homem é responsável por aquela porção que tem em sua posse. Toda a riqueza é de Deus e todos os homens têm o privilégio de administrá-la como uma doação sagrada.

Este ensino não se aparta do dízimo. Na verdade, a idéia da mordomia cristã põe ênfase no dízimo como sendo uma medida prática e histórica de contribuição à disposição de qualquer pessoa que procura ser fiel em sua mordomia.

Os Evangelhos registram apenas duas vezes em que Jesus mencionou o dízimo. Ambas as referências são significativas, entretanto, porque revelam a menção que Jesus fez para que seus seguidores praticassem o dízimo.

Mateus e também Lucas registram a passagem em que Jesus afirmou que o dízimo é esperado daqueles que se propõem ser fiéis a Deus. Suas palavras são uma réplica inflamada àqueles que substituem o legalismo pelas realidades espirituais, mas, presumem também a idéia do dízimo: "ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas," clamou Jesus, "porque dizimais a hortelã, o endro e o cominho e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas" (Mt 23:23-24).

Aqui está Jesus acusando-os de injustiça, falta de misericórdia e falta de fé. Ele não livrou seus seguidores da obrigação do dízimo. Ele deu a entender que deveriam ir pelo menos até o dízimo como uma evidência da devoção a seu Pai celestial.

A Igreja primitiva enfrentou o problema criado por aqueles seguidores de Jesus que se esforçaram para evitar as implicações do dízimo relegando-o a um costume do Antigo Testamento. João Crisóstomo (347-407 AD) foi eloqüente em sua crítica àqueles cristãos que se esforçaram para evitar suas obrigações atacando o princípio do dízimo.

"Para que, considerando esta obrigação, disse ele, "os judeus não contribuíram?" Eles contribuíram com o dízimo, e dizimavam outra vez para os órfãos, viúvas e prosélitos. Agora, entretanto, ouvimos muito freqüentemente uma pessoa dizer com surpresa: "então fulano dá o dízimo?" Que desgraça, afirmo-lhes, é esta: o que entre os judeus não era causa de surpresa, ou celebridade, está, agora, entre os cristãos, transformando-se em motivo de surpresa. Se era uma coisa perigosa negligenciar o dízimo naquela época, é muito mais perigoso agora."

Jesus não sentia que Sua missão era derrubar a lei. Ele disse: "vim, não para destruir, mas, para cumprir a lei".

Ele esperava mais de Seu Pai Celestial do que foi prometido na lei, e Ele mesmo deu maior ênfase ao que era exigido pela lei. Mas, nunca insinuou que Seus seguidores deveriam encontrar um caminho mais fácil de lealdade dando menos de seu dinheiro e de seus talentos a seu Pai Celestial do que dava um fiel filho de Israel.

Jesus mencionou o dízimo em outra ocasião. Na parábola do Fariseu e do Publicano ele cita as palavras do Fariseu: "eu dou o dízimo de tudo quanto possuo". Criticando a religião deste homem há aqueles que argumentam dizendo que esta passagem é uma indicação de que Jesus era contrário ao dízimo. Segundo este mesmo raciocínio, devemos também presumir que ele era contrário à oração. A crítica de Jesus aqui é feita contra a maneira de orar bem como ao legalismo implícito no hábito de dar o dízimo. Jesus estava rebatendo a idéia farisaica de que o

dízimo formal e a oração formal são aceitáveis a Deus como substitutos para a humanidade e sacrifício.

Os Evangelhos não registram um único ensino de Jesus que dispensam seus seguidores da necessidade de reconhecer a bondade de Deus dando uma décima parte de seus bens materiais. Ele animou aqueles que o amavam a ir mais longe que o dízimo em reconhecimento de seu débito para com o Criador. É um débito que poderia ser pago por uma fiel mordomia de todas as possessões da vida.

O DINHEIRO CONSTANTEMENTE MENCIONADO

Nenhum assunto no Novo Testamento é discutido com maior freqüência e de um modo mais direto, que o assunto do dinheiro. Os escritores tinham diferentes propósitos ao escrever cada livro, mas, quase todos os evangelhos e as epístolas dão um lugar proeminente a uma discussão da relação estreita que há entre o dinheiro e uma fé vital em Deus.

Muito é dito nos ensinos de Jesus e nas instruções dadas à igreja primitiva, concernentes aos perigos do dinheiro com referência à alma e à vida abundante. Jesus voltou àquele tema muitas vezes. "Quão difícil é um rico entrar no reino dos céus" (Mc 10:23) Quando seus discípulos expressaram admiração por esta declaração, Ele continuou: "é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos céus" (Mc 10:25).

Quando Jesus discutiu a idéia do julgamento divino para a alma humana, Ele declarou que as mais severas penas cairão sobre aqueles que foram infiéis na mordomia de seu dinheiro. Contou a história familiar do homem que havia juntado excelentes colheitas do seu trabalho. Quando o homem planejou usar seus ganhos egoisticamente para construir maiores celeiros e despensas, Jesus declara que Deus lhe falou, dizendo: "Louco! Esta noite te pedirão a alma, e as coisas que ajuntaste, para quem serão?" Depois Ele ajuntou um lembrete para todos que O estavam ouvindo: "assim é aquele que ajunta tesouros para si, e não é rico para com Deus" (Lucas 12:16-21)

Quando Ele contou a história do perigo das riquezas acumuladas, Jesus não mencionou o dízimo como uma medida de contribuição de um homem, mas, a implicação de Suas palavras não deixa lugar para dúvidas de que Ele esperava que o povo de Deus desse tão generosamente, que o dízimo seria, por comparação, uma quantia deveras insignificante.

A ênfase do mestre sobre os perigos do dinheiro foi acentuada pelos líderes da igreja primitiva. Nenhum outro quadro temível como o de Ananias e Safira aparece na Bíblia, quando se mostraram infiéis em suas obrigações de dividir o que possuíam de bens materiais com seus companheiros cristãos. Ninguém pode ler a história destes indivíduos mal orientados e egoístas sem ficar ciente de que todo o cristão que possui um mínimo que seja de bens materiais está imediatamente confrontando com o perigo de perder a vida espiritual, quando o dinheiro é usado primariamente para satisfazer seus desejos pessoais.

O apóstolo Paulo falou de um modo positivo acerca dos perigos do uso do dinheiro. Em uma ocasião ele escreveu: "o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se transpassaram a si mesmos com muitas dores" (1 Tm. 6:10).

Continuou, depois, a dar a Timóteo instruções que deveriam guiá-lo em seu ensino concernente a dinheiro. "Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas, em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos; que façam bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente, e sejam comunicáveis, que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna."

O escritor do livro aos hebreus não é menos definido em seus conselhos concernentes aos perigos do dinheiro. "Sejam vossos costumes sem avareza, contentando-vos com o que tendes, porque Ele disse: não te deixarei, nem te desampararei" (Hb 13:5).

Assim também, Tiago fala da ameaça que o dinheiro constitui para a alma. Ele pinta um quadro vivo de um dia quente de verão quando estorricante sol faz fenecer a grama e as flores. "Assim se murchará também o rico em seus caminhos" (Tiago 1:11).

Depois, Tiago, que dentre todos os escritores do Novo Testamento é o menos acostumado a palavras vívidas de acusação, dramatiza os paralisantes perigos do dinheiro. "Eia, pois, vós, ricos, chorai, pranteai, por vossas misérias que sobre vós hão de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas e os vossos vestidos estão comidos da traça. O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e comerá como fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias" (Tiago 5:1-3).

Estes ensinos do Novo Testamento devem ser compreendidos em conexão com a atitude da igreja primitiva a respeito das riquezas. Jesus e Seus discípulos consideraram cada pessoa como sendo rica de possessões de dádivas e da graça de Deus. Estes ensinos não são meramente uma palavra de denúncia contra o grupo indefinido que está do lado de fora do discipulado cristão. Não há encorajamento aqui para os seguidores de Jesus tomarem “atitudes corretas a seus próprios olhos” e regozijar-se nas candentes palavras que seriam destinadas a outrem. Somos todos ricos, com os tesouros que Deus nos tem confiado. Cada um de nós permanece em perigo mortal e eterno, se somos néscios e egoístas no uso que fazemos de nossas possessões materiais.

Em vista dos conselhos do Novo Testamento acerca do uso do dinheiro, o dízimo, como medida de devoção cristã, torna-se o começo e não o fim do processo contributivo. Seu valor como uma medida útil e experimentada de mordomia do dinheiro torna-se imediatamente visível. Um fiel seguidor de Jesus, após ouvir os clamorosos apelos concernentes aos perigos do dinheiro quanto à vida espiritual, poderá voltar-se para o dízimo com a certeza de que ele é um modo leal, histórico e satisfatório de contribuição.

PRINCÍPIOS DA CONTRIBUIÇÃO

Será útil examinar os ensinos positivos do Novo Testamento acerca do método e quantia de contribuição.

Em **primeiro lugar**, os cristãos são chamados a contribuir regularmente. Esta ênfase denota uma mudança no método. No Antigo Testamento, o dízimo se associava aos períodos de colheita, ou venda de rebanho e gado. Paulo incita os cristãos de Corinto a fazer dádivas semanalmente para a causa cristã. "No primeiro dia da semana cada um de vós ponha à parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade, para que se não façam coletas quando eu chegar" (1Co 16:2).

Uma evidência de que a regularidade na contribuição era esperada na igreja primitiva é vista na segunda carta de Paulo aos cristãos de Corinto. Ele está falando das ofertas, e diz: “a Acaia está pronta (para contribuir) desde o ano passado, e o vosso zelo tem estimulado a muitos" (2Co 9:2-3). A medida da fidelidade na congregação cristã era a regularidade e generosidade do povo.

Em **segundo lugar**, os cristãos do Novo Testamento foram chamados a contribuir com ofertas tais que constituiriam um sacrifício. Jesus dramatizou inesquecivelmente este atributo de fidelidade com sua história da viúva pobre e suas moedas. O mestre notou que a mulher colocou duas moedas de cobre sobre o altar. E disse: "em verdade vos digo que lançou mais do que todos esta pobre viúva; porque da sua pobreza, deitou todo o sustento que tinha" (Lc 21:3-4). A mulher foi louvada porque sua dádiva foi um sacrifício genuíno. Jesus ensinou a idéia de que as dádivas sacrificiais eram as únicas dádivas que deveriam ser oferecidas ao Pai Celeste.

A ênfase nos ensinos de Jesus imediatamente encontrou um lugar na Igreja Primitiva. O apóstolo Paulo louvou os sacrifícios que eram feitos pelos cristãos de Macedônia. "Como em muita prova de tribulação houve abundância de seu gozo, e como a sua profunda pobreza abundou em riquezas da sua generosidade. Porque, segundo o seu poder (o que eu mesmo testifico), e ainda acima do seu poder, deram voluntariamente"

(2Co 8:2-3).

Tornou-se um marco da igreja primitiva os seguidores de Jesus darem generosamente de seu dinheiro para a manutenção do Reino. Algumas das primitivas autoridades gregas e romanas que comentaram o crescimento do movimento cristão ficaram impressionados por sua prontidão em contribuir.

Aristides enviou uma carta ao Imperador Adriano, em Roma, cerca de 135 A.D. A versão siríaca daquela carta só recentemente foi descoberta. É um comentário vívido da contribuição generosa e altruísta dos primitivos cristãos.

"Eles (os cristãos) andam em toda a humildade e bondade, e não há falsidade entre eles. Amam-se uns aos outros. Não se recusam a ajudar as viúvas. Livram o órfão da violência. Quem tem dá sem murmurar àquele que não tem. Se vem um estrangeiro, tomam-no em sua casa e tratam-no como a um irmão. Quando um dentre seus pobres passa desta para a outra vida, qualquer um que vê isto providencia o féretro de acordo com suas posses... Verdadeiramente este povo é novo e há algo divino nele."

Toda a evidência que pode ser encontrada nas Escrituras e na literatura dos primeiros séculos da era cristã aponta para o fato inegável de que os primitivos seguidores de Jesus contribuíam sacrificialmente com seus bens materiais para a causa à qual haviam dedicado suas vidas.

Em **terceiro lugar**, os escritores do Novo Testamento registram que a felicidade vem àqueles que dividem seus bens materiais. A mensagem principal de alegria pela contribuição é encontrada nos Atos dos Apóstolos. Paulo estava lançando o alicerce das práticas da Igreja que se tornariam fixos nos séculos do porvir. Ele disse: "tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos, e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: "mais bem-aventurada coisa é dar do que receber" (At 20:35). Enquanto não abrigaram um sentimento egocentrista, os primitivos cristãos experimentaram e aprenderam que a contribuição sacrificial trazia felicidade às vidas daqueles que fossem fiéis no uso de seu dinheiro.

Este ensino é expresso de maneira mais expressiva em outra carta que o apóstolo Paulo escreveu à Igreja de Corinto. Ele diz: "e digo isto: que o que semeia pouco, pouco também colherá; e o que semeia em abundância, em abundância também colherá. Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade, porque Deus ama ao que dá com alegria. E Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra" (2Co 8:6-9).

O NOVO TESTAMENTO EXIGE MAIS

É evidente que a concepção do Novo Testamento acerca da contribuição nunca exigiu menos dos fiéis servos de Deus que o legalismo do Antigo Testamento. Ao contrário, cada desafio e cada incitamento é vazado em tais termos que o cristão é chamado a fazer dádivas muito mais generosas que as que eram requeridas pelo inabalável legalismo dos primórdios bíblicos. Em lugar de uma premente necessidade, o dízimo tornou-se uma medida satisfatória de contribuição básica para todos que procuram ser fiéis a Deus.

As recompensas da contribuição sacrificial são numerosas, conforme verificamos pela experiência dos cristãos na igreja primitiva. A contribuição generosa implica numa vida abundante, diariamente, e desenvolve também aquelas qualidades da alma que se tornam um prenúncio da vida eterna.

O Novo Testamento tem muito pouco a dizer sobre a questão do dízimo. Entretanto, um estudo dos livros do Novo Testamento não deixa lugar para o conforto e satisfação àqueles que se esforçam em utilizar a parca menção do dízimo como uma desculpa para a contribuição miserável. O Novo Testamento requer mais dos seguidores de Jesus que o Antigo Testamento dos adeptos da Lei. Testados em todos os pontos, o desafio de Jesus deve ser interpretado como requerendo uma quantia

superior de devoção e sacrifício.

Assim como o Novo Testamento oferece muitas instruções que ajudam a guiar os seguidores de Jesus que procuram orar e adorar, o Antigo Testamento fez do dízimo a quantia mínima esperada daqueles que desejam ser fiéis a Deus no uso de seu dinheiro. Presumir que a vida cristã permite uma lealdade menor que a do Antigo Testamento é perder o coração da revelação do Novo Testamento, quanto à natureza e vontade de Deus.

O dízimo pode ser um padrão insignificante de contribuição para uma pessoa, e medida pelo conceito da graça do Novo Testamento, é um lugar pobre onde parar; mas, para milhões de cristãos o dízimo é um passo primordial e essencial que o levará um pouco mais longe do tipo de vida dominada por aspirações materialistas. O dízimo é um caminho para a vida abundante.

CAPITULO IV

QUE SIGNIFICA ENTREGAR O DIZIMO

A decisão de entregar o dízimo sugere um número de problemas práticos. Por exemplo: Que constitui um dízimo? Sobre que base é calculado o dízimo? Deve-se calcular o dízimo sobre o rendimento bruto ou sobre o líquido? Podem os impostos ser deduzidos razoavelmente da renda total antes de calcular o dízimo? A soma total do dízimo deve ser usada no sustento da Igreja local e no exterior ou podem outras causas caritativas ser incluídas?

Tais questões são levantadas em todos os grupos de cristãos que incluem aqueles que fizeram uma decisão de entregar o dízimo. Falando de um modo geral, todo o indivíduo deve, com espírito de oração, procurar a resposta às suas próprias questões.

Um profundo desejo de reconhecer a sociedade com Deus pela prática do dízimo resultará em direção divina suficiente para resolver a maioria dos problemas. A pessoa que for legalista em sua atitude perderá muito da alegria que tão freqüentemente acompanha a decisão de entregar o dízimo.

No entanto, alguns princípios são dignos de consideração. Eles nos vieram pela experiência repartida por aqueles que experimentaram o dízimo como um método de reconhecimento, e que descobriram ser ele uma aproximação satisfatória do dever cristão.

Vamos considerar o caso da renda sobre a qual os cristãos deverão calcular seus dízimos. Muitas questões se erguem junto com o sincero desejo de ser agradável a Deus no reconhecimento de Sua bondade, mas, às vezes, as questões se originam de um compreensível, porém, egoístico

desejo de evitar o pagamento de mais que o necessário (ou seja, de falta de generosidade).

Certo pastor sugeriu uma boa resposta a tais questões. "Suponha que Deus desejasse mudar o plano por um ano, e ao invés de pedir um décimo, desse-lhe dez por cento baseado sobre a renda que você recebeu no ano passado. Que cálculos você faria a Ele a fim de descrever sua renda? Esta é a quantia sobre a qual você, razoavelmente, deverá entregar o dízimo". Nenhum indivíduo encontraria problemas se mantivesse aquele ponto de vista quando fosse calcular o total de sua contribuição.

O trabalhador que recebe um envelope com seu pagamento cada mês tem um modo simples de chegar ao seu dízimo. Ele meramente toma 10% do total que recebe em suas mãos e coloca esta importância a parte, como reconhecimento de sua gratidão a Deus por Suas bênçãos.

Os homens de vida comercial ou profissional que não têm uma renda fixa encontram um problema mais difícil. O modo mais simples para tomar o dízimo é colocar de lado 10% de qualquer quantia que transferir para seu crédito pessoal de suas contas comerciais ou profissionais.

Às vezes, os dizimistas perguntam se a décima parte que se propõem a entregar ao Senhor deve ser calculada depois de descontados os impostos pessoais. Nenhuma regra definitiva pode ser seguida. É provável que, em muitos casos, tal conclusão é justificável. Certamente, a pessoa assalariada que toma 10% de seu envelope de pagamento mensal está baseando sua contribuição de um total sem taxas, isto é, do total ganho descontou-se as taxas eventuais, e do sub-total assim obtido o trabalhador deduziu o dízimo. Não seria menos digno para o negociante ou para o doutor seguir o mesmo procedimento.

Um leiteiro pediu orientação sobre como deveria calcular o total do seu dízimo. Ele explicou que sua margem de lucros era pequena, e diversas vezes o ano terminou com um déficit. Ele disse que o dízimo de seus lucros não seria suficiente para pagar o que ele achava que era sua parte na manutenção da igreja. Perguntei se ele tinha um proveito semanal de seu negócio que pudesse ser considerado como renda. Ele explicou que suas despesas domésticas e de seus negócios estavam em uma mesma conta e eram contabilizadas por um contador. Admiti que ele tinha um problema e que não poderia oferecer uma solução legalista para o mesmo. "O senhor se decidiu a entregar o dízimo", concluí. "Calcule quais são suas despesas com o negócio e deduza do resto o dízimo."

O fazendeiro tem um problema especial quando adere ao dízimo. Sua renda em dinheiro é freqüentemente diminuta. Ele tem grandes despesas para substituição de maquinismos ou criação. É evidente que não lhe é possível entregar o dízimo de cada cruzeiro que recebe como pagamento por sua produção. Ele deve calcular a quantia que toma para suas contas pessoais e de sua casa, e por de lado 10% deste total.

O fazendeiro, o negociante, o médico, o advogado e outros homens de negócios ou de outras profissões quase sempre decidem tomar 10% do total líquido, da quantia que lhes restam depois de descontados os impostos de renda. Tal conclusão parece uma aproximação razoável e prática do problema.

Pessoas aposentadas ou viúvas que vivem de uma pequena pensão, ou de renda de capital investido, freqüentemente desejam entregar o dízimo ao Senhor. Às vezes, sua renda total é estritamente suficiente para cobrir despesas vitais. Separar um décimo, em muitos casos, não deixaria quantia suficiente para a manutenção mínima. Em tais circunstâncias, a pessoa pode, conscienciosamente, ser justificada em tomar o dízimo do que resta depois de paga a soma necessária para a subsistência. Mas, é importante que a quantia, embora pequena, seja posta a parte como um reconhecimento específico da bondade de Deus. Além disto, as pessoas que estão vivendo do rendimento de fundos investidos podem dizimar fazendo um propósito de designar pelo menos 10% de seu capital para as causas cristãs.

Ao decidir a quantia a contribuir o dizimista deveria esforçar-se para ser tão agradável a Deus como espera que o Pai Celestial seja com ele. É melhor não começar a entregar o dízimo como uma prática regular se o indivíduo julga necessário argüir consigo mesmo e com outros a fim de evitar as obrigações que ele honestamente sente que deve a Deus. A menos que o dinheiro seja colocado à parte alegremente, as satisfações que tão freqüentemente vêm ao encontro do dizimista serão perdidas.

SEPARADO PARA O SENHOR

É um fator importante na contribuição do dízimo manter uma conta separada, ou uma caixa especial, ou receptáculo, para depositar o dízimo. Este é facilmente perdido se tornar-se meramente uma conta a mais que deve ser paga regularmente, tirado de uma carteira ou de um talão de cheques. Se não se perder inteiramente tende a tornar-se um peso colossal que parecerá desproporcionalmente grande quando a pressão das contas correntes estiver lançada sobre o indivíduo. Tal dificuldade é evitada se o dízimo é guardado em um lugar separado onde se torna uma reconhecida parte do tesouro de Deus, e reconhecimento da gratidão e devoção a Deus sentidas pelo indivíduo ou pela família.

Recentemente veio à luz um balancete efetuado por Abraão Lincoln durante os anos em que estava na Casa Branca. Chama-se "Conta do Hospital". O Sr. Lincoln entregava sua contribuição à Igreja tirando-a daquela conta. Dela ele tirou quantias e mais quantias para auxílio de emergência em hospitais, ou para cuidar de divertimentos para vítimas feridas em guerra. O Sr. Lincoln não se propôs a custear aqueles atos de caridades com sua conta bancária regular. Ele usava o fundo especial hospitalar, criado para este propósito.

É sábio procedimento para todos os dizimistas seguir este processo. O dízimo terá maior significado se for colocado à parte, separado das demais contas do indivíduo. William E Gladstone, um dos grandes primeiros ministros da Inglaterra, entregava o dízimo de seus rendimentos regularmente. Ele, como o Sr. Lincoln, punha de lado uma conta especial para aquele propósito. Depois de advogar que a prática deveria começar na infância, ele continuava dizendo: "a maior vantagem de formar um fundo deste tipo é que, quando somos solicitados a contribuir, a competição não é entre o egoísmo numa mão e a caridade na outra, mas, entre os diferentes propósitos da religião e da caridade, dentre as quais devemos fazer a mais cuidadosa escolha. É desejável que o fundo assim usado não fosse inferior a um décimo de nossas rendas, e isto tende a trazer uma bênção para os nove décimos restantes".

O Sr. Gladstone sugeriu um importante fator que deveria ser considerado em relação ao dízimo. As exigências para assistência às causas filantrópicas, tanto dentro como fora da igreja, são freqüentemente uma fonte de tensão para o indivíduo. Cada exigência que é feita para assistência resulta em uma batalha com sua natureza generosa. Ele especula se pode dispensar uma quantia mínima como dádiva, e ainda manter seu lugar na comunidade. Muitas pessoas ficam embaraçadas por contínuas tensões devidas a tais lutas referente à sua contribuição.

O dízimo ajuda a evitar todas estas situações. Se o dízimo foi lançado numa conta separada, o dizimista pode pesar os vários pedidos, não pela quantia de dinheiro, que o julgam capaz de conceder, mas, pela quantia que lhe é possível de acordo com a conta do Senhor.

Ele se torna um despenseiro da soma que ele mesmo colocou de lado como dízimo. Ao invés de tensão ele sente calma e satisfação.

Um ministro que esteve temporariamente incapacitado por doença foi forçado a afastar-se do púlpito. Dezoito meses depois recebeu uma carta de um comerciante conhecido. O homem disse que esteve pensando em seu pastor amigo e, sabendo que ele estava fazendo em face de crescentes obrigações oriundas de sua doença, estava incluindo um cheque de 250 dólares. Escreveu o seguinte: "observando minha conta-dízimo verifiquei que a quantia incluída aqui seria bem empregada em seu caso. Não posso falar-lhe que felicidade me dá ter um fundo de Deus para dividir com você."

Muitos dizimistas têm experiências similares. Seu costume regular de colocar à parte um décimo torna o Fundo à disposição do Reino, o que traz não somente um alívio para a pressão das exigências dos necessitados, mas, também uma alegre experiência em contribuir.

COMECE CEDO

O dízimo deveria começar na infância. Se meninos e meninas têm o exemplo de seus pais para encorajá-los, a decisão para entregar o dízimo não será difícil de ser tomada. Mesmo que os pais não contribuam, as crianças prontamente aderem à sugestão de que Deus nos tem dado tanto que é muito certo que ponhamos à parte uma certa porção do que recebemos e a levemos como oferta à igreja, ou a empregamos para ajudar os necessitados. Este é um modo de agradecer a Deus por Sua bondade.

O valor de uma vida pode ser provado incitando um jovem a começar a entregar o dízimo do primeiro dinheiro que ganhe.

Um financista americano, agora aposentado, contou a história de como ele começou o hábito de entregar o dízimo. Ele era um dentre quatro meninos de cerca de 12 anos recebidos à comunhão da igreja. No término do culto, o jovem pastor comentou a um dos oficiais: "tivemos um ótimo culto hoje de manhã, não foi?" "Não vi nada particularmente notável no culto", o homem replicou. "A que se refere o senhor?" "Àqueles quatro meninos dando-se a si mesmo a Jesus Cristo e unindo-se à igreja", o pastor replicou. "Eles não contribuíram com nada à hora da coleta", o homem replicou enquanto se afastava.

Este menino entreouviu a conversa entre o ministro e o oficial da igreja. Quando teve uma oportunidade de falar com seu pastor, a sós, perguntou-lhe que quantia ele deveria dispor para o sustento da igreja. O pastor perguntou quanto ele estava ganhando. Ele replicou que seu salário era de US$ 2,50 por semana. O pastor, então, explicou que cada cristão tem o privilégio de dar pelo menos um décimo de seu rendimento como apreciação às bênção de Deus. Ele sugeriu que o menino deveria entregar vinte e cinco centavos de dólar por semana como sua contribuição à Igreja. A sugestão foi alegremente adotada e o menino começou um hábito de-toda-a-vida: colocar a parte pelo menos um décimo de seus rendimentos para o trabalho do Senhor. Quando idoso, declarou que nunca cessara de entregar o dízimo. Achava que havia sido ajudado pessoalmente mais pelo dízimo que por qualquer outro hábito que houvesse cultivado durante toda a sua vida.

É importante notar que este financista começou a entregar o dízimo ao Senhor quando menino. Muitos dos homens que entregam o dízimo nesta geração dizem que eles também começaram a prática em tenra infância.

CONTRIBUA REGULARMENTE

O dízimo inclui não somente o ato de por de lado uma quantia especificada, mas, também, a idéia de regularidade na dádiva. Muitos cristãos nunca aprenderam a contribuir sistematicamente. Não seguem nenhum plano ao enfrentar sua responsabilidade para com a igreja e comunidade. O dízimo significa o ato de colocar a parte regularmente pelo menos um décimo do rendimento, e a divisão sistemática daquela soma com a igreja e seu programa.

Algumas pessoas contribuem se são chamadas de um modo especial para contribuir. Outros contribuem se sabem que a igreja precisa de uma quantia extra para pagar déficit. Muitas destas pessoas se sentem virtuosas se cooperarem na tarefa de arrancar a igreja para fora do que eles chamam de "buraco". Falham em não considerar que o déficit não teria existido se eles e outros houvessem contribuído regularmente. Algumas pessoas contribuem se gostam do ministro ou se aprovam alguma parte do programa.

Conheci um cristão negligente em uma comunidade da Nova Inglaterra que sempre se vangloriava de como ele havia ajudado a erigir o templo. Ele não havia freqüentado a igreja durante muitos anos e suas contribuições haviam sido tão pequenas e irregulares que foram de pouca

serventia. Entretanto, o homem elogiava-se a si próprio dizendo que havia contribuído para construir a igreja. Cheguei a crer que ele havia dado a maior quantia para a construção. Ele havia deixado esta impressão em muitas pessoas, mas, quando os livros foram examinados, os quais falavam das finanças da igreja, descobriu-se que o homem havia contribuído com a insignificante quantia de US$ 35,00! Ele havia evitado suas responsabilidades para com Deus e a igreja, durante muitos anos, pela falsa suposição de que, havendo feito uma dádiva, não lhe era necessário contribuir para o resto de sua vida.

Por causa do seu descuido em contribuir, aquele homem havia perdido o poder vital que nos é dispensado através da fé. Verdadeiramente ele pensava que havia dado uma alta soma, mas sua falta de sistema em dividir havia torcido seus valores. Cego quanto à verdadeira natureza da contribuição, sua cegueira lhe fez perder vastas oportunidades para alegria em sua experiência religiosa.

O dizimista é alguém que põe à parte uma porção determinada de seus vencimentos regularmente, e que contribui sistematicamente daquele dízimo, para o trabalho de Deus no mundo.

COMO DISTRIBUIR O DIZIMO

Uma questão mais deve ser examinada aqui. Para que será usado o dízimo? Deve todo de ser entregue à igreja? Ou podem empresas tais como Dispensários, Cruz Vermelha, ou Corpo de Escoteiros serem mantidos pelo dízimo? Estas são apenas algumas das questões pertinentes, pessoais, que freqüentemente se erguem em conexão com o uso do dízimo.

As respostas a estas questões devem ser procuradas, depois de oração honesta, pelo próprio indivíduo. Se cada cristão considerar seu dízimo como pertencente a Deus, e se ele distribuir o dinheiro à luz da convicção de que está repartindo o dinheiro de Deus, não o seu, ele será indubitavelmente levado a fazer decisões acertadas.

Uma declaração geral concernente ao problema do que fazer com o dízimo deveria ser seguida por diversas observações que precisam ser levadas em consideração.

Primeiramente, uma grande porção do dízimo será, necessariamente, entregue à igreja que é o agente mais avançado pelo qual o trabalho de Deus no mundo é efetuado. Nenhuma quantia especificada pode ser estabelecida, mas, certamente uma generosa porção do dízimo deve destinar-se aos cofres da igreja, para que seja usada como for mais conveniente.

Em segundo lugar, a idéia protestante da sociedade cristã deverá ser mantida na mente. De acordo com este conceito tudo na vida é considerado sagrado. A área entre o sagrado e o secular é banida, e tudo da vida é olhado como íntima relação com Deus, e dentro do escopo de Sua vontade. Com este princípio em mente, o cristão não se esforça para fugir dos males da sociedade, mas, procura enfrentá-los e transformá-los em bênçãos. Ele mantém a crença de que tudo na vida deve conformar-se com a vontade e propósito de Deus. Desta interpretação do mundo de Deus, escolas e hospitais foram criados, lares para órfãos e lares para os idosos tornaram-se uma parte comum e aceita do trabalho da igreja. Atividades recreativas e formadoras do caráter, para meninos e meninas foram desenvolvidas na esperança de que a juventude poderia ser levada à cidadania útil e criadora.

Tal responsabilidade pela sociedade torna os Dispensários e demais organizações congêneres de vital interesse para o cristão. Na verdade, são o braço direito da igreja, esforçando-se para fazer um pouco do trabalho que a igreja tomou a peito realizar. Dádivas a tais organizações tornam-se parte do dever de cada cristão fiel, e podem certamente, usar uma porção do dízimo nessas organizações.

Não deverá haver argumentos legalistas a respeito deste assunto. Se um cristão sente que seu dízimo deverá ir inteiramente para a manutenção da igreja, deixemo-lo agir de acordo com suas convicções pessoais. Nada há a censurá-lo e ele encontrará alegria enquanto segue a orientação do Espírito Santo.

Como a vontade de Deus deve ser compreendida e seguida em nossas vidas, receberemos uma verdadeira bênção ao deixar todo o dízimo sobre o altar, ou usando parte dele para o trabalho de auxílio e cura àqueles que estão em necessidades.

UM MORDOMO MAIS CUIDADOSO

Um fato importante que devemos ter em mente é que o dízimo é um reconhecimento da gratidão de Deus. Quando o dízimo é colocado à parte regularmente, e é distribuído com um senso de sagrada responsabilidade, grande alegria inunda a alma do dizimista. Sente a sociedade com Deus no trabalho do Reino. Sente alívio das tensões usuais das contribuições. A vida cristã adquire um radiante significado não conhecidos por aqueles que não sabem o que significa entregar o dízimo.

Muitos dizimistas testificam que algo semelhante a um milagre acontece aos nove décimos que restam depois que o dízimo é colocado à parte. Um honesto cristão explicou o fato: "quando comecei a entregar o dízimo, os nove décimos restantes pareciam esticar-se mais do que os dez décimos que eu gastava anteriormente". Isto não é estranho. Significa que, colocando à parte seu dízimo, tornou-se o dizimista um mordomo mais cuidadoso quanto ao resto do seu dinheiro. Foi abençoado por Deus, visto que foi colocado em usos mais frutíferos. Os desejos de um dizimista tornam-se mais refinados, e suas exigências de possessões materiais tornam-se menos numerosas e insistentes, e não põem ênfase no sentido material.

Olhando como um reconhecimento da bondade contínua de Deus, o dízimo é um clamor urgente à lealdade de todos os seguidores de Jesus Cristo. O Cristão não precisa de nenhuma recompensa por entregar o dízimo além da satisfação que sente por fazer o que ele considera um privilégio e dever. Mas, o dizimista virá a descobrir que sua contribuição lhe traz muito mais que isto. Torna-se o dízimo um meio de felicidade na sua vida diária que não pode ser descrita ou medida, mas, que o leva a testificar que o dizimo é uma estrada aberta para a vida triunfante.

CAPITULO V

OS PERIGOS DO DÍZIMO

Há perigos no dízimo? Sim, pois qualquer plano que define a relação entre um homem e seu vizinho, ou entre um homem e seu Deus, em termos de uma regra ou lei, é assunto para mal-entendidos ou má fé. O espírito da obra tende a ser esquecido na satisfação que vem ao sentir que a letra da regra foi guardada.

O dízimo é uma medida definida de contribuição. Por tradição e pela prática corrente, significa que um cristão põe de lado para o trabalho de Deus, e como reconhecimento por Sua bondade, dez por cento dos seus rendimentos. Há perigo neste padrão, se a prática se torna meramente uma regra que um seguidor de Cristo deve observar para ser contado entre os fiéis.

Entretanto, é bom lembrar que muitas leis significativas da sociedade, comumente aceitas, as quais governam as ações dos homens neste século, estão sujeitas a esta atitude legalista. Por exemplo, consideremos as leis do casamento. Pode-se dizer que preparar os papéis e fazer votos públicos em uma cerimônia matrimonial é uma aproximação legalista entre um homem e uma mulher que se amam. As pessoas envolvidas poderiam facilmente perguntar porque as leis são necessárias. "O espírito do casamento não seria malbaratado," poderiam elas perguntar, "quando medidas legais são requeridas daqueles que desejam ser sócios na vida?" Mas, sabemos que as leis e regulamentos que governam o casamento são necessários e úteis na contribuição que fazem para uma sociedade estável.

Reconhecemos que há perigos no dízimo. Mas, os valores provenientes do dízimo são tão numerosos que sobrepujam em muito as desvantagens reais ou imaginárias. O dízimo provou ser uma disciplina construtiva e beneficente para a vida cristã. É um meio de graça que tem contribuído com um vasto tesouro à expectativa espiritual de homens e mulheres fervorosos.

SANÇÕES DIVINAS

De maneira interessantíssima, o dízimo tem sido aceito por multidões de cristãos como um ato religioso de devoção que tem sanção divina. É considerado como uma medida de clamor de Deus quanto aos bens materiais que Ele tem dado a Seu povo.

Presumimos que o dízimo é uma lei de Deus porque se aprofunda longamente na história hebraica. Era um dos costumes principais do povo cuja religião representa os primórdios de nossa própria fé.

Considere a autoridade que o tempo impõe sobre a legalidade bíblica do dízimo. Desde que o homem bíblico surgiu no Gênesis encontramos o dízimo. Foi formulado detalhadamente como uma prática essencial quando Moisés deu a Lei que conduziria seu povo. Foi observado e praticado por todos os hebreus fervorosos que desejavam expressar sua fé em Jeová por práticas aprovadas por Ele.

Não somente a história indica que o dízimo é o plano de Deus para Seu povo. Em edição temos o testamento de muitos dizimistas do século XX que declaram que sentem uma íntima comunhão com Deus quando, regularmente, põem de lado 10% de seu vencimento.

O homem se torna parceiro de Deus quando entrega o dízimo. Adquire um senso de camaradagem com o Criador e Autor do universo quando usa suas posses com um senso de doação sagrada.

O dízimo tem, portanto, sanção divina e de uma maneira extraordinária é reconhecido como uma lei não humana, mas divina, para governar as relações entre os cristãos e suas posses.

Há perigos na observância de qualquer das leis do universo, as quais consideramos peculiarmente divinas. Tomemos o conceito do amor como a lei básica da vida. Há perigo nesta idéia. De fato, há muitos que estão desejosos de colocar de lado o amor como a lei da vida, em favor de um sentimento mais marcial entre as relações das pessoas ou nações, que têm problemas entre si. Considere também a lei que declara que "aquilo que alguém semear isso também ceifará." Há perigos nesta lei para aqueles que acreditam que o prazer ou a luxúria são o fim da vida.

Todas as leis que se desviam de uma íntima identificação entre a humanidade e os propósitos revelados por Deus são perigosos para as pessoas que se esforçam em caminhar por caminhos bons a seus olhos.

Quando examinamos alguns dos perigos do dízimo, reconhecemos que a dificuldade não está inteiramente nas leis em si, mas na atitude que os homens tomam para com elas. Qualquer dificuldade pode ser evitada por uma atitude e um espírito correto da parte das pessoas que se esforçam para entregar o dízimo.

Vejamos que perigos ameaçam o dízimo. Não deverão ser magnificados e muito menos ignorados. As pessoas que não entregam o dízimo não encontram estas dificuldades, mas por outro lado, tais cristãos nunca atenderão o gozo pessoal e o senso de sociedade com Deus que é experimentado por aqueles que estão pondo à parte, para Deus, um décimo dos seus vencimentos.

RETIDÃO PRESUNÇOSA

Um perigo comum do dízimo é a retidão presunçosa. É uma tentação para o dizimista assumir uma atitude de superioridade sobre aqueles que não seguem aquele costume. Jesus deixou claro a seus discípulos que a retidão aos próprios olhos resulta numa triste experiência quanto à fé. Ele contou do homem que subiu ao templo e orou: "Senhor, eu te agradeço porque não sou como os demais homens... Jejuo duas vezes por semana. Entrego o dízimo de tudo quanto tenho" (Lc 18:11-12).

Jesus concluiu que o homem que fez tal oração não foi para casa sentindo-se em comunhão com Deus.

A retidão presunçosa faz numa religião vazia, nesta geração, o que fez nos tempos do Novo Testamento. Constrói uma falsa idéia de virtude.

Quando um dizimista se torna ciente das miseravelmente pequenas dádivas ao Reino, feitas por muitos cristãos professos, não é inatural que ele considere sua própria oferta de 10% como uma grande dádiva. Notar que muitas pessoas prósperas estão dispostas a lisonjear-se de sua generosidade quando suas contribuições à causa do Reino não igualam o que uma mulher gasta no salão de beleza, ou o que o homem paga no clube de golfe, torna fácil ao dizimista demarcar o largo golfo (espaço) que o separa daquele tipo de pessoa.

Entretanto, relativamente poucos dizimistas julgam-se melhores que os outros, imbuídos de uma retidão jactanciosa. A maioria deles são pessoas humildes que hesitam em falar de suas virtudes, mas, ao contrário, falam da bondade e misericórdia de Deus.

Um negociante da Flórida havia feito grandes dádivas para a igreja e fins caritativos. Poucos pedidos de auxílio ficaram sem receber resposta. Sua generosidade para com as causas relativas à comunidade também ficou sendo conhecida por muitas pessoas que se identificavam com as organizações que mantinham. Era publicamente reconhecido como um benfeitor da igreja e da comunidade. Numa tarde, foi apresentado como orador num banquete. O oficial enumerou uma porção de exemplos em que a generosidade do homem havia ajudado a fazer uma campanha financeira com sucesso.

Quando se levantou para iniciar seu discurso, este negociante cristão estava visivelmente embaraçado. "Desejo tornar claro que não

mereço crédito por aquilo que dou em minha igreja ou comunidade," começou. "Não contribuí com meu dinheiro. Todo ele pertence a Deus, porque vocês sabem, eu sou dizimista."

O ministro de sua igreja estava naquela reunião e ouviu aquela confissão. Depois ele disse a um amigo: "conheço Ed há oito anos, e conversei com ele acerca da igreja e de Deus em muitas ocasiões, mas ele nunca me disse que era dizimista."

Isto não é uma ocorrência fora do comum. Os dizimistas em geral são humildes acerca do seu hábito regular de separar um décimo dos seus rendimentos para o trabalho do Senhor.

Entretanto, a retidão aos próprios olhos é um perigo que deve ser evitado constantemente por aqueles que entregam o dízimo.

LEGALISMO

Um segundo perigo do dízimo é o legalismo. Os dizimistas são tentados a acreditar que nenhum outro sacrifício de si mesmo ou de dinheiro é necessário além da entrega do dízimo. É presunção de alguns cristãos que o dízimo é uma espécie de transação entre Deus e o homem, em que o homem pensa que já fez a sua parte pelo dízimo e por isso espera que Deus demonstre um interesse particular pelo seu bem-estar.

O dizimista legalista não está interessado em valores humanos. Ele acha que sua parte no auxílio à humanidade já foi completada com o dinheiro que deu.

Jesus foi severo em sua condenação àqueles que haviam erroneamente presumido que sua obrigação findava com a entrega do dízimo. Ele os informou de que, não negligenciando o dízimo, deveriam considerar também a justiça e a misericórdia. Ele deixou seus ouvintes com o sentimento de condenação porque seu dízimo não era acompanhado por uma entrega de suas vidas a Deus.

Deve-se crer e afirmar que há, em comparação, poucos dizimistas que poderiam, hoje, ser acusados do pecado do legalismo. A desprendida generosidade e interesse que se evidenciam em vidas de dizimistas, tais como: A. A. Hyde, Kenneth S. Keyes, James L. Kraft, e Mathias W. Baldwin são uma réplica eloqüente àqueles que magnificam este perigo. Ao contrário, homens e mulheres que entregam o dízimo têm estado na vanguarda daqueles movimentos que se esforçam para construir um mundo melhor para toda a humanidade. Interesses missionários têm encontrado alguns dos seus melhores amigos entre os dizimistas.

As organizações e instituições que procuram aliviar os sofrimentos são freqüentemente dirigidos por aqueles que colocam a parte pelo menos 10% dos seus rendimentos para o trabalho do Senhor.

Entretanto, os dizimistas devem estar sempre desejosos de provar a realidade de sua fé pela medida de sua entrega total a Cristo. Há sempre perigo quando o dízimo é considerado tanto o meio quanto o fim da fé. Nenhum real conhecimento a Deus é suficiente, a menos que inclua, não somente o dinheiro, mas, o tempo, os talentos, e a vida também.

CONTROVÉRSIA

Um terceiro perigo do dízimo é a tentação para tornar o assunto, matéria de argumentação. Os cristãos quase sempre desenvolvem acaloradas discussões a respeito da importância e método do dízimo.

Os argumentos usualmente começam com a questão: é o crente obrigado ou não a entregar o dízimo? E surgem outras, quando o dizimista discute longamente a natureza de seu dízimo e os usos aos quais ele será útil. Esses argumentos chegam ao clímax quando o dizimista está ansioso para convencer outros dos valores do dízimo, de modo a tornar-se impaciente em suas relações com aqueles que não concordam com ele.

O rico tesouro que está à disposição do cristão através da contribuição regular é perdido, freqüentemente, se ela se torna um

assunto para controvérsia. O motivo do dízimo é a gratidão. Deus tem sido bom em suas abundantes dádivas a seus filhos. O dizimista é grato. Ele procura algum meio pelo qual possa expressar sua gratidão. O dízimo é, para ele, um método histórico e prático pelo qual ele pode dar expansão a seu veemente sentimento de apreciação pela generosidade do seu Pai Celeste.

O dízimo começa com a gratidão. Mas, logo se torna evidente que, embora o dizimista não os procure, numerosas retribuições que lhe vão chegando. "Provai-me, diz o Senhor dos Exércitos", é um fato imperecível na experiência dos dizimistas. Muitos cristãos provaram o dízimo e descobriram que os resultados materiais e espirituais em suas vidas pessoais são evidentes cada dia.

Muitos dizimistas não se preocupam com argumentos a respeito do dízimo. Experimentaram-no como meio de contribuição, e verificaram que deu resultados. Não pedem retribuições materiais pelas suas contribuições. É suficiente que possam entornar diante de Deus a gratidão superabundante de seus corações, por tudo quanto Ele lhes deu. Desejam que outros argumentem os detalhes do método do dízimo. É suficiente para eles saber que através do dízimo, encontraram uma sociedade satisfatória com Deus, que os levantou a um lugar de segurança, e lhes deu um senso crescente do significado da vida, todos os dias.

SOLUÇÃO PARA PROBLEMAS

O quarto perigo do dízimo ocorre quando esta prática é requerida como sendo um meio pelo qual os problemas financeiros de uma organização cristã podem ser resolvidos. Tal atitude está atacando o problema de maneira deveras errônea. O dízimo certamente se tornará uma forma vazia, constantemente chegando às raias do ridículo ou da suspeita, se é apresentado perante a congregação como um meio de levantar dinheiro para uma causa.

É difícil evitar o egoísmo quando o dízimo é transformado numa muleta que ajudará uma campanha financeira. Os cristãos inteligentes têm o direito de perguntar, em tal época, por que o dízimo não foi enfatizado há mais tempo se ele é um trampolim para a felicidade e vida abundante.

Os dízimos de consagrados cristãos erguerão largas somas para causas cristãs. Mas, o dinheiro levantado é o subproduto do mais significativo ato: dedicação. É o reconhecimento de gratidão pelas abundantes misericórdias de Deus.

Este perigo, o do motivo insatisfatório, nem sempre confronta o dizimista a menos que este comece a praticar o dízimo sob a pressão de contribuir necessariamente para um projeto de construção de igreja, ou outra necessidade urgente, e não pretendeu torná-lo uma parte da dedicação de sua vida. Em tal caso, ele não deve ser desiludido Ou desencorajado. Se ele estiver desejoso de perseverar na prática do dízimo, descobrirá que ele recebeu certeza da presença de Deus e ficará ciente da sociedade com Ele em todas as fases de sua vida.

SUBSTITUTO DA MORDOMIA

Outro perigo comum do dízimo é a tentação para torná-lo um substituto da mordomia. O dinheiro é somente um aspecto do cuidado providencial de Deus. A carteira de dinheiro é importante porque ela freqüentemente amolda atitudes para com todas as outras faces da vida, mas, não é o fim da bondade de Deus.

O dízimo é aquela porção do rendimento de um cristão que é entregue a Deus. O dízimo não deve cegar o indivíduo para o fato de que os nove décimos (90%) restantes também são uma dádiva de Deus e devem ser administrados com não menor senso de dádiva sagrada. Todo o cristão é um mordomo de toda a sua vida. A ele foi confiado cada cruzeiro que possui.

O dízimo é um reconhecimento mínimo, mas, um mordomo dedicado descobrirá que os outros nove décimos também pertencem a

Deus. Quer seu dízimo pare ou não nos 10%, o fiel mordomo procurará administrar tudo quanto possui com um senso de consagração, reconhecendo que cada pequena porção de seus bens é uma dádiva do amor de Deus.

A mordomia não finda com o dinheiro. Inclui tempo e talentos. Não é suficiente para um cristão sentir uma satisfação pia em entregar um décimo de seu dinheiro, se não usa suas habilidades para o serviço da igreja, ou se acha que não tem tempo a perder com posições de liderança no Reino.

Há perigo no dízimo desde que um cristão presume que sua obrigação para com Deus está completamente cumprida pelo ato de dar dez por cento de suas rendas. Entretanto, poucos dizimistas, em comparação, caem nesta tentação, porque a maioria deles está pronta a entregar suas habilidades e seu tempo a Deus como estão dispostos a entregar seu dinheiro. Aprenderam pelo costume da contribuição regular que tudo da vida é uma dádiva de Deus e que a vida deve ser orientada mediante a consagração dessas dádivas. Com este espírito, consideram o dízimo uma parte de seu profundo agradecimento que fazem continuamente a Deus.

ALIANÇA COM DEUS

Nem todos os perigos que o dízimo apresenta, juntos, são suficientes para levar um cristão inteligente a discutir o valor de tal prática. Os perigos revelam a fraqueza humana que deve ser reconhecida se quisermos ser honestos. Mas, o dízimo é primariamente uma relação entre os cristãos e seu Deus. Mantido no elevado plano no qual a Aliança com o Pai Celestial se torna o motivo e satisfação da vida, o dízimo é uma prática que não deverá ser observada com temor, mas, ser aceita como um privilégio sagrado.

O dízimo é uma profissão de fé em Deus. É um reconhecimento de Sua bondade. Por causa das fraquezas humanas o dízimo pode às vezes tornar-se legalístico, ou pode levar à retidão presunçosa, mas, seus princípios básicos são a adoração e a entrega de si mesmo. As faltas ocasionais devidas à fraqueza, não devem separar os cristãos da alegria e satisfação que recebem quando, através do dízimo, reconhecem cada uma das dádivas de Deus.

CAPÍTULO VI

O DÍZIMO E A VIDA ABUNDANTE

Um anúncio, alguns anos atrás, na coluna "Precisa-se" de um grande jornal de Nova York, dizia o seguinte:

"Precisa-se de empregada para família de quatro pessoas. Todos os aparelhos elétricos em casa. Bom salário. Deve ser uma cristã — UMA CRISTÃ MUITO ALEGRE — SE POSSÍVEL".

Muitos cristãos não vivem triunfantemente. O temor que é observado nos olhos de uma multidão de pessoas do século XX é visto também no rosto de muitos cristãos. Ao invés de uma vida abundante, numerosos seguidores de Jesus de Nazaré estão cansados e ansiosos. Suas atitudes e maneiras no viver diário apresentam insignificante semelhança com o espírito jubiloso que marcou os cristãos do primeiro século.

Entretanto, no meio de uma sociedade que inclui tantas pessoas que estão amedrontadas, e deprimidas pelas condições que prevalecem em seu mundo, há aqueles que encontraram o segredo da vida abundante. Tais pessoas imediatamente são notadas como diferentes.

Descobri que muitos dos seguidores de Jesus que possuem uma alegria interna são aqueles que cultivam o hábito do dízimo. Encontrando uma pessoa cuja vida reflete um espírito de vitória, pergunto: "o senhor é dizimista?" Tenho feito esta pergunta a pessoas que freqüentam a igreja. Tenho procurado a resposta em logradouros públicos, onde tenho encontrado cristãos que possuem aquele raro e indefinível espírito que é o reflexo de uma vitória interna.

Muitas e muitas vezes aqueles que têm tal irradiação de sua fé confessam que são dizimistas. Nem todos eles, naturalmente, porque há outros caminhos para a vida abundante, mas, um número surpreendentemente alto de tais pessoas diz que entrega o dízimo do Senhor. Em adição, declaram essas pessoas que encontraram grande alegria na experiência.

A idéia de encontrar a vida abundante através do dízimo não é nova. Tal dádiva divina foi assegurada àqueles que observam este costume nos tempos do Antigo Testamento. "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento em minha casa, e depois, fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal que dela vos advenha a maior abastança" (Ml 3:10).

Esta passagem de Malaquias tem sido muitas vezes interpretada como indicando que as recompensas do dízimo serão de natureza material. Os dizimistas freqüentemente testificam que recompensas materiais tangíveis acompanham um reconhecimento regular da bondade de Deus por intermédio do dízimo. Mas, os resultados descritos em Malaquias não estão confinados a considerações materiais somente. A retribuição do dízimo é sob a forma de bênçãos espirituais e reflete-se em vidas transformadas. O quadro do Antigo Testamento é uma preparação daquilo que se transformou na experiência dos cristãos em todas as gerações que encontram no dízimo uma porta aberta para a vida abundante.

PERIGOS DO USO DO DINHEIRO

A falta de integridade nas relações que envolvem dinheiro contribui para a infelicidade de muitas pessoas. Jesus de Nazaré ensinou esta verdade há aproximadamente 2.000 anos atrás, e a experiência tem confirmado a validade de Seus ensinos.

Um líder no mundo comercial recentemente comentou o impacto do dinheiro sobre a vida feliz. "Duas das mais difíceis coisas que

obtemos neste mundo", diz ele, "são: adquirir fortuna por esforços honestos, e havendo-a obtido, saber como usá-la apropriadamente. Recentemente, dirigi-me ao salão de um clube de golfe, aliás muito conhecido, depois do término de uma partida. Era já quase noite e a maioria dos sócios havia partido para suas casas. Mas, uma meia dúzia de homens de idade madura estavam ainda sentados às mesas, conversando à toa e bebendo mais do que lhes era lícito. Estes mesmos homens podem ser vistos lá dia após dia e, coisa estranha, todos são homens de postos elevados, ricos, bem sucedidos nos negócios e respeitados na comunidade. Se a prosperidade material fosse o principal requisito para a felicidade, então, cada um deles seria feliz. Entretanto, parecia-me que algo muito importante, estava faltando; de outra forma, não haveria o constante esforço para escapar às realidades da vida pelo Scotch com soda."

Num mundo em que o dinheiro veio a desempenhar um importante papel em todas as relações humanas, há aqueles que observaram que, enquanto o dinheiro por si só não causa mal algum, muito freqüentemente os métodos errados de obtê-lo, e o uso errado do dinheiro constituem uma ameaça à felicidade.

Um psiquiatra recentemente endereçou uma mensagem radiofônica a toda a nação sobre os desajustamentos da personalidade. Ele não foi moralista em suas considerações. Seu interesse era o de um médico; no entretanto, suas mensagens, na maioria, eram devotadas aos perigos do dinheiro. Citou impressionantes casos para demonstrar que uma fortuna inesperada quase sempre se torna um peso na personalidade humana, se não arruína completamente as vidas envolvidas.

Os seguintes casos são típicos dentre os que ele apresentou. Um homem que negociava com objetos velhos, inúteis, em Chelsea, Massachusetts, encontrou US$ 1.200 escondidos em uma velharia que adquiriu. No entanto ele morreu sem um centavo duas semanas depois, vítima do *delirium tremeras*. Um homem na Inglaterra ganhou L$ 84.000 nas corridas, mas morreu como bêbado quatro anos depois havendo gastado toda a sua fortuna. Um homem na cidade de Nova York achou US$ 4.000 debaixo de uma camada de neve. Era carpinteiro. Abandonou o trabalho para gozar o dinheiro, e morreu depois num asilo psicopatológico.

Em cada um destes casos, como o psiquiatra apontou, a dificuldade não estava no dinheiro em si. A tragédia se abateu sobre as pessoas por causa da sua falta de habilidade em fazer uso adequado do dinheiro que receberam.

As pessoas que ganharam o que julgavam ser uma inesperada fortuna acreditavam que o dinheiro foi provido para satisfazer seus apetites sensuais. Não consideraram a riqueza como um caminho para uma vida de oportunidade, nem pensaram no dinheiro como constituindo uma obrigação de servir às necessidades alheias.

O psiquiatra dramatizou situações excepcionais ao tentar descrever os trágicos efeitos da fortuna repentina. Propositadamente, ele escolheu esse método para mostrar as escolhas do conflito que encara cada pessoa que tem de decidir como usar seu dinheiro.

Jesus de Nazaré era cônscio do grande problema que se cria pela posse de riquezas. A obrigação para com a sociedade é apenas um lado do problema. O outro é a tentação à luxúria e ao egoísmo que devem ser vencidos por todas as pessoas que têm algum dinheiro. A riqueza insignificante, se não for distribuída corretamente, tenderá a privar o indivíduo das fontes espirituais que contribuem para a vida abundante.

REPARTINDO PARA OBTER VIDA ABUNDANTE

Deve-se compreender que Jesus de Nazaré não tentou persuadir as pessoas a dividirem seu dinheiro porque Ele precisava de riqueza para seu uso pessoal. Não pediu que lhe trouxessem dinheiro. Nenhum outro homem esteve mais desinteressado ou menos preocupado com a posse de dinheiro que Jesus. Seus ensinos estavam centralizados sobre o indivíduo e sobre o que a riqueza poderia fazer à personalidade. Jesus estava interessado em fazer seus seguidores experimentarem a vida abundante.

O dinheiro foi citado incidentalmente pelo interesse que Ele tinha em cada alma. Ele estava pensando no dinheiro como uma barreira contra o tipo de vida que ele oferecia livremente a todos quantos O seguissem.

A presente ênfase sobre o dízimo deveria ser entendida à luz desta atitude do Mestre. O dinheiro para a igreja e seu ministério é secundário no apelo que se faz para o dízimo.

Deve ficar claro, porém, que a Igreja de Cristo não tem necessidade de desculpar-se quando solicita aos seguidores de Jesus que contribuam com seu dinheiro, para as causas locais e estrangeiras. Nenhuma riqueza é usada com maior vantagem, e para propósitos mais duradouros, que aquela que é investida no programa e ministério da igreja.

Dois visitantes foram a um lar em Concord, Nova Hampshire, cumprindo um programa de visitação da igreja. Um dos visitantes era dinâmico, eloqüente e persuasivo. Seu companheiro agia meramente como parceiro. Em cada lar por eles visitados, o mais ativo deles contava a história do programa, necessidades da igreja, e convidava os membros da família a fazerem um compromisso financeiro.

Em um lar a explicação da necessidade trouxe uma onda de oposição do dono da casa. "Dinheiro! Dinheiro! Dinheiro, sempre dinheiro, naquela igreja. Estou cansado de ser solicitado a dar dinheiro!"

O jovem que usualmente era reticente replicou ao gritalhão: "o senhor provavelmente sabe que eu e minha esposa tínhamos um menino em nossa casa", de começou. "Quando Donnie foi para a escola as despesas do seu vestuário e outras necessidades pareciam invencíveis. Todas as semanas, quando eu trazia o envelope de pagamento, minha esposa me saudava assim: "Donnie precisa de um novo par de calçados", ou "Donnie precisa de novas calças". Todas as semanas era a mesma coisa. Parecia não haver fim para as coisas de que aquele menino precisava. Finalmente eu objetei. "Parece-me," eu disse, "que Donnie está sempre querendo alguma coisa. Estou cansado de ouvir falar em dinheiro, dinheiro todas as semanas para as roupas e sapatos." Talvez o senhor o saiba, mas, no ano passado Donnie apanhou meningite espinhal e nós o perdemos. Quando o senhor falou eu estava pensando que se eu pudesse ir para casa agora e ouvir minha esposa dizer: "Donnie precisa de um paletó novo", ou "Donnie precisa de sapatos novos", seria o dia mais feliz de minha vida. Não percebi o quão precioso o menino era enquanto não o perdemos. Talvez bem poucos de nós percebam o quão preciosos são a igreja e Cristo para nós e para o nosso mundo. Nenhum de nós poderia compreender a menos que nossa religião fosse tirada de nós."

Ninguém precisa desculpar-se pelo dinheiro que requisita para o sustento da igreja. Os cristãos deveriam sentir-se honrados quando solicitados a contribuir para uma causa tão digna.

Entretanto, o fim para o qual o dinheiro era solicitado não foi o motivo que levou a Jesus a falar com forte convicção sobre este assunto. Suas palavras tiveram origem na convicção das necessidades das vidas daqueles que tinham o privilégio de contribuir. Ele sabia que o dinheiro deve ser manuseado como devoção sagrada se não quisermos que ele se transforme numa barreira entre o cristão e seu Deus. Ele estava certo de que a entrega do dinheiro, através de um reconhecimento de que pelo menos 10% dele deve ser devolvido ao Senhor, se tornaria um caminho largo para a vida abundante.

REPARTIR TRAZ FELICIDADE

Três princípios gerais precisam ser considerados e examinados quando pensamos na relação que há entre o dízimo e a vida abundante.

Em **primeiro lugar**, o dízimo contribui para a felicidade do indivíduo que entrega o dízimo. O princípio pode ser alargado a fim de incluir a idéia de que toda a generosa divisão de riqueza resulta em felicidade para aquele que contribui.

O Dr. Charles Allen, de Atlanta, fala da alegria que seu pai

experimentou quando garoto. Ele tomou, nessa época, os únicos centavos que possuía para comprar um lenço para seu pai, por ocasião do Natal. A compra foi feita depois do garoto passar um dia inteiro olhando as vitrinas cheias de brinquedos que qualquer garotinho gostaria de possuir. Mas, ele passou por uma bonita bolha vermelha para comprar o lenço para seu pai. O Dr. Allen declara que seu pai contou a história da sua dádiva sacrificial centenas de vezes. É evidente que o fato lhe trouxe mais felicidade, em retribuição, que qualquer outro evento ocorrido em sua juventude.

O dízimo é algo semelhante. O dinheiro dividido transforma-se numa fonte de gozo permanente. A felicidade é da natureza que não pode ser suplantada por outras coisas que compremos, por mais bonitas e brilhantes que sejam.

Samuel M. Best, uma autoridade no campo da farmacopéia, fala da influência de George R. White em sua vida de contribuição. Ele conta como o Sr. White tomou a responsabilidade de uma pequena indústria manufatureira de sabão em Boston e tornou-a uma das maiores firmas da América. O Sr. Best diz: "nunca me esquecerei das palavras do Sr. White: "o sucesso pessoal ou o sucesso comercial, levantado sobre o materialismo somente, são conchas vazias, escondendo vidas tristes, desapontadas." Desde a morte de Mr. White tenho me esforçado, como seu sucessor, para aderir ao seu código de ética. Dois em cada três dólares ganhos como lucro por nossa corporação são divididos com outros, a fim de ajudar a tornar nossa nação um lugar melhor onde viver... Minhas recompensas, minhas bênçãos, têm vindo a mim sob a forma de satisfação pessoal e paz de espírito que anteriormente haviam sido estranhas para mim."

Esta lei é básica para a vida. O dízimo ou a generosa divisão dos bens materiais, traz a felicidade. Observei a evidência desse fato quando encontrei um jovem fazendeiro de Sykesville, em Maryland. Olhando para seu rosto, veríamos que sua alegria só poderia ter uma origem interna. "Quero que você saiba", disse ele, "que eu e minha esposa entregamos o dízimo desde que nos casamos. Achamos que o dízimo nos tem ajudado mais que nosso dinheiro tem ajudado a outros. Somos felizes com nossa fazenda, nossos filhos e com a fé que temos em Deus."

Homens profissionais, trabalhadores e ministros do Evangelho todos são testemunhas do fato de que o dízimo é uma fonte de duradoura felicidade. O falecido Carlos Reinoldo Brown, amado Deão da Escola Teológica de Yale, enfatizava este fato quando falava de sua experiência como dizimista. "Trinta anos atrás fui induzido por um leigo inteligente em meu primeiro pastorado a inaugurar o hábito da entrega do dízimo", dizia ele. "Meu salário era de somente mil dólares anuais, e abrir mão de cem deles me parecia abrir um enorme buraco. Em todos estes trinta anos eu nunca me arrependi de ter tomado a decisão de contribuir com o meu dízimo para o Senhor. Nós também temos sido abençoados temporal e espiritualmente na cesta e na dispensa, na mente e no coração".

Aqueles que conheceram o Deão Brown testificam que ele foi alguém que possuía uma felicidade contagiante que constantemente dividia com outros. O dízimo, como um método de contribuição, havia resultado numa vida transformada.

AJUDA A SAÚDE FÍSICA

Em **segundo lugar**, o dízimo contribui para a saúde física. Como? Não meramente por eventos que podem ser descritos como milagres divinos. Mas, também eliminando as numerosas e óbvias tensões originadas pelo dinheiro ou pela falta de dinheiro, e instilando no cristão uma fé confiante em que Deus abençoará aqueles que entregam o dízimo.

Muitas famílias têm uma luta contínua com problemas financeiros. Tais problemas não somente tornam difícil manter um espírito cristão em casa, mas são a fonte de numerosos desacordos entre membros da família. Qualquer conselheiro matrimonial está ciente de que os problemas financeiros são a causa da maioria das tensões emocionais que ameaçam a estabilidade do lar.

A pressão dos problemas financeiros freqüentemente afeta a saúde dos indivíduos que, de outra forma, estariam com uma vida boa e tranquila. Tais problemas causam tensão nervosa, trazendo consigo a falta de apetite, as náuseas, o temor. Esta tensão se torna as preliminares de muitas outras enfermidades físicas sérias.

Os dizimistas freqüentemente falam de como o hábito de entregar o dízimo ajudou a remover a pressão que sentiam por causa do dinheiro. Não é difícil descobrir como é isto obtido. O dízimo é um ato de reconhecimento. O indivíduo admite por intermédio do dízimo, que Deus está vivo no universo, e que Ele está despejando Suas bênçãos, materiais inclusive, sobre Seus filhos e filhas.

As pessoas que vivem pela lei da carteira de dinheiro ou pelo talão de cheques acham fácil agir como se Deus não existisse. Tentam resolver seus problemas pelo uso de suas posses materiais. Não tendo dinheiro suficiente para resolver seus problemas, eles se tornam tensos e ansiosos. E nem tudo pode ser resolvido com dinheiro.

Nenhum senso maravilhoso de providência divina está à disposição deles para guiá-los e guardá-los. Sem esta confiança numa força além da humana, eles são vítimas do nervosismo e temor.

O ato de entregar o dízimo é uma profissão de fé. Ele encoraja a crença na existência de Deus e no contínuo amor desse Deus Todo poderoso. Torna o indivíduo capaz de ver que Deus está vivo a trabalhar no mundo. Tal conhecimento afugenta sua solidão, e lhe dá a segurança de que ele não está sozinho no dia a dia de sua vida e nem que sozinho precisa resolver todos os seus problemas e os problemas do mundo. Torna-o ciente do poder divino, acima do poder humano, que está à sua disposição para ajudá-lo. E a prática do dízimo é a expressão dessa fé viva em Deus e dessa dependência de Deus.

O meio pelo qual o dízimo ajuda a obter saúde é visto na experiência de um homem e sua esposa que usavam parte de seu dízimo para erigir um templo. Estavam vivendo confortavelmente quando o chamado lhes foi feito para construir uma nova igreja em um campo missionário. Investiam seu dízimo naquele lugar de necessidade. Seus amigos não demoraram a notar que o interesse deles pelos outros e o sábio investimento do dinheiro, obrou uma mudança na atitude do homem e sua esposa: estavam radiantemente felizes. Sentiram um novo senso de alegria em sua experiência cristã. A decisiva evidência da mudança que foi operada pelo dízimo veio numa conversa telefônica entre esse homem e um amigo.

"Estes últimos dois anos têm sido os mais felizes que minha esposa e eu temos conhecido", disse ele. "Algo estranho aconteceu. Você sabe que minha esposa sempre foi incomodada pela artrite. É um verdadeiro peso para ela. Bem, desde que temos usado o dízimo para a construção da nova igreja ela tem estado cada vez menos doente. Eu queria dizer-lhe que ontem pareceu à minha esposa que a artrite foi embora."

Tal experiência parece ser um milagre. Deve-se entender, contudo, que é um milagre que tem uma explicação muito prática. A mulher que havia sido vítima da artrite havia aberto sua vida para receber o poder de Deus. Ela havia previamente pensado que cria em Deus, mas, havia sentido que Sua graça era uma necessidade diária em Sua vida. Ela e seu marido possuíam bens materiais. Assim, poder-se-ia supor que eles seriam capazes de resolver qualquer problema que aparecesse.

Mas, a experiência do dízimo a havia levado a reconhecer a presença de Deus, e tomar parte no plano de trazer Sua mensagem a outros. Ao mesmo tempo o dízimo havia agido como poder curador para fazer cessar a dor do seu corpo físico, para trazer saúde e vigor renovados.

O dízimo é um meio de cura, porque vence as asserções humanas de suficiência-própria e é o reconhecimento do poder do céu que pode transformar todos os indivíduos tanto quanto todas as situações sociais.

TRAZ O PODER DE DEUS

Em **terceiro lugar**, o dízimo constitui uma porta aberta através da qual o poder de Deus pode vir à vida. O dízimo causa vida alegre e abundante.

Numa conferência de leigos que praticavam o dízimo, solicitei-lhes que escrevessem anonimamente seus pareceres sobre esta prática. Disse-lhes que não escrevessem nada absolutamente, se não estivessem convencidos de que sua conclusão havia sido testada e provada como verdadeira. Houve alguns comentários sobre as recompensas materiais que vêm do dízimo. Mas, a maioria dos homens e mulheres confessavam a alegria que este hábito havia trazido às suas vidas pessoais. "Minha vida tem sido mais feliz desde que comecei a entregar o dízimo", disse um homem. "Tenho encontrado grande alegria no dízimo", disse outro. Outros comentaram como segue: "O dízimo é certamente o caminho da vida feliz". "Aprendi o significado da vida abundante desde que comecei a entregar o dízimo."

Um engenheiro da Rádio Corporação da América fez o seguinte comentário sobre sua experiência com o dízimo: "comecei a entregar o dízimo três anos antes de me casar. Posso dizer que, embora não tenhamos tido tudo quanto desejamos, nada nos faltou." Sua família reflete a validade do seu testemunho pela maneira porque desfrutam uma alegre experiência cristã e um lar feliz.

Ricardo W. Campbell, um líder entre os leigos da Igreja Metodista, é uma testemunha do poder que vem pelo dízimo. Quando o Sr. Campbell se formou pela Universidade de Purdue, casou-se e foi morar em Baltimore, Maryland, com sua esposa. Seus primeiros anos foram uma luta. Voltando para casa depois de um dia muito difícil de visitas a fim de conseguir vender apólices de seguro, o Sr. Campbell encontrou um envelope que continha uma conta de 75 dólares, que devia à Junta de Missões Estrangeiras. Ricardo explicou à esposa que, enquanto estava no colégio, havia tomado o compromisso de custear metade das despesas da educação de um rapaz na escola de Medicina na Índia. Seu pastor, amigo desde o colégio, custeava a outra metade. Ele tentou assegurar à esposa que o Senhor proveria o suficiente para suas necessidades. Os dias passavam e, como não havia sinal de ajuda divina, Ricardo achou que o Senhor estava sendo tardio no auxílio. Então, veio uma carta do seu pastor amigo dizendo que ele e sua esposa haviam sido abençoados com gêmeos, embora estivessem esperando um bebê apenas. Disse que ser-lhe-ia difícil continuar com a sua parte no custeio do rapaz na Índia naquele ano, e perguntava se Ricardo poderia assumir sozinho a manuetenção do estudante de medicina a partir daquele momento.

Ricardo, mesmo sem dispor de recursos para tanto, aceitou a tarefa e já então, devia 150 dólares. Naquela noite, escreveu a diversos conhecidos comerciais, por toda a América, perguntando-lhes se estavam interessados em seguro de vida adicional. Alguns dias depois, um homem de Detroit respondeu que estava pensando em fazer outro seguro, e pedia a Mr. Campbell que lhe enviasse informações e formulários.

O resultado veio imediatamente. O homem havia decidido fazer uma apólice de 50.000 dólares. Com um brilho nos olhos, Mr. Campbell explicou: "Minha parte do prêmio foi suficiente, de modo que a parte do Senhor nos possibilitou tomar conta do rapaz na Índia naquele ano."

"Desde então, perecia não haver fim na misericórdia do Senhor", dizia Mr. Campbell. "O dízimo tornou-se o meio pelo qual o poder de Deus foi despejado em minha vida". Ricardo Campbell tem continuado o hábito de entregar o dízimo. Na verdade, ele dá muito mais de um décimo (10%) para o trabalho do Senhor e para o Reino. Aqueles que conhecem o Sr. Campbell ficam cientes de que eles possuem a vida abundante que é comum a muitos daqueles que entregam seu dinheiro como parte da dedicação que fazem de si mesmos a Deus. Não se trata de alguma mágica na prática do dízimo, mas tão somente de uma firme confiança em Deus, nas promessas de Deus e na tarefa que Deus precisa realizar usando para isso também o nosso dízimo.

O motivo do dízimo, portanto, nunca deve ser egoísta, se de fato queremos experimentar a alegria, o poder e os valores eternos da fé

cristã, de Deus e de seu Reino. É um privilégio usar o dízimo para reconhecer nossa crença na natureza criadora e amorosa de Deus Todo Poderoso e fazer parte de sua Missão de amar, cuidar e salvar o mundo.

Entretanto, embora não os procuremos, quando entregamos o dízimo recebemos freqüentemente benefícios oriundos da prática. Às vezes as recompensas são materiais quanto à natureza, mas, freqüentemente, as bênçãos são um poder indefinível de Deus que nos traz a vida abundante.

CAPÍTULO VII

O DIZIMO E A FÉ VITAL

Há uma relação íntima entre o dízimo e a vida pessoal de fé. Entretanto, muitos cristãos nunca descobriram esta relação. "A fé relaciona-se com coisas espirituais e o dízimo com as materiais", dizem equivocadamente algumas pessoas.

Jesus de Nazareth deixou bem claro em muitos dos seus ensinos que o uso que um homem faz do seu dinheiro, e as experiências espirituais que lhe permitem estar ciente da presença de Deus, não podem estar separados. Em uma ocasião ele disse: "pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras?" (Lucas 16:11).

"Mamom" significa dinheiro. A honestidade nas relações com dinheiro foi considerada por Jesus como a primeira qualificação para ser habilitado a receber os valores mais intangíveis da vida.

Quando esta passagem do evangelho de Lucas é examinada de ponto de vista vantajoso, aquele pelo qual reconhecem a Deus como o criador e sustentador de toda a vida, ela toma um novo significado. Deus é o doador tanto dos bens materiais como da realidade espiritual. Ele é a fonte daquilo que satisfaz a fome física, e a coragem e da força para enfrentar os problemas espirituais. Jesus havia levantado uma questão prática. Se os seguidores de Jesus não têm sido fiéis no uso do dinheiro, como podem eles esperar que o Pai Celestial se sinta disposto a dar-lhes tesouros espirituais, tais como coragem e fé? Jesus considerou o uso do dinheiro como o primeiro obstáculo a ser transposto por aqueles que pretendem ser fiéis aos propósitos de Seu Pai Celestial, no mundo.

O dinheiro tem sido sempre a barreira que fica no meio do caminho, impedindo a realidade espiritual. A enfermeira que cuidou de Roberto Merrick, o jovem "*waster*" cuja história foi contada por Lloyd Douglas no livro "Obsessão Magnífica", disse-lhe: "você tem algo muito valioso além do dinheiro, mas, você nunca usará. Está em você, mas, nunca sairá de dentro de você. Ninguém jamais saberá que você o tinha. O dinheiro estará sempre bloqueando o caminho."

Era isto que Jesus estava dizendo. O dinheiro bloqueia o caminho para uma vida triunfante e para a segurança que a fé torna disponível àqueles que conhecem a Deus.

É evidente, então, que há uma íntima relação entre o dízimo e a fé vital. O dízimo é o reconhecimento da fé em Deus. Reflete uma confiança na providência divina cujo amor é expresso em caminhos bem tangíveis. As "verdadeiras riquezas" são confiadas ao dizimista, não por que ele deu 10% de seu dinheiro a Deus, mas, porque seu hábito de entregar o dízimo o tornou apto espiritualmente para receber as maiores dádivas do Reino. Se o dinheiro não é entregue a Deus, ele se torna um fim em si mesmo, o homem tende a viver pelo dinheiro e por aquelas coisas materiais que o dinheiro pode comprar. O dízimo põe tudo no seu verdadeiro foco. Ao invés de ver o dinheiro como algo central em nossas vidas, reconhecemos a contínua e criadora providência de Deus trabalhando em nossos lares e no nosso mundo.

Sem dúvida, há uma estreita relação entre o hábito regular de separar o dízimo e uma fé viva, triunfante.

UM ATO DE ADORAÇÃO

Buscamos reconhecer a presença de Deus através da realidade da fé conforme experimentada em um ato de adoração. A adoração às vezes se traduz por uma apreciação da beleza da natureza ou da música. Pode vir através da comunhão com outros em oração e serviço.

Quando consideramos tal meio de expressão de reconhecimento da providência criadora e contínua do Senhor, é fácil compreender o lugar do dízimo na adoração.

O dinheiro do cristão é uma parte de si mesmo, de sua mente, de sua força e de sua vida. Quando traz seu dízimo com fé e alegria ao Altar está dando uma parte de si mesmo a Deus. Por tal ato ele vem mais perto de Deus em comunhão e Ele o chama para perto de Si.

A principal barreira para o conhecimento de Deus é o egoísmo. Muito freqüentemente o egoísmo se coloca no caminho para a presença de Deus. À sua própria vista o ego aparece mais importante que Deus. Uma expressão de humildade reconhecimento de um poder além do seu próprio poder é essencial para o homem renunciar seu sentimento de superioridade e dar um lugar a Deus em Sua vida.

Em tempos remotos os sacrifícios (de animais) sobre o altar ígneo (que tem a ver com o fogo ou com a cor do fogo) eram quase sempre considerados uma oferenda para aplacar a fúria de Deus contra as pessoas que O haviam ofendido. Mas, muitas das cerimônias eram uma expressão de agradecimento e adoração ao Criador. Tornaram-se os meios pelos quais muitos homens aprenderam a conhecer a Deus como uma realidade viva no mundo.

Assim é o dízimo na experiência de cristãos fervorosos. Não é um ato de aplacamento (abrandamento). O dízimo, nem qualquer outra coisa, tem qualquer poder sobre Deus, o que significa que não tem o poder de manipular (mudar) o humor, a vontade e o coração de Deus. O que nos garante o perdão de Deus é um coração contrito, quebrantado, realmente arrependido de seus pecados. Pois “Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus” (Salmos 51:17). Entregamos nosso dízimo não para sermos perdoados, mas unicamente porque já estamos perdoados (cf. Mt 5:23-24). O indivíduo que entrega o dízimo é porque já adquiriu uma segurança firme na realidade do Poder de Deus no mundo.

Muitos dizimistas podem testificar o fato de que seu conhecimento

de Deus e de Sua presença foram intensificados pelo hábito de entregar o dízimo. Aqui está o que um cristão escreveu sobre sua experiência: "aceitei o apelo para experimentar entregar o dízimo durante o período da Páscoa do ano passado. Francamente, aceitei a idéia com suspeita. Parecia-me um meio legalista de decidir o que minha família devia a Deus. Mas, fiquei surpreso do que aconteceu em minha própria vida, e que pareceu haver afetado minha família. Sentimo-nos mais juntos a Deus como nunca. Penso que é porque o dízimo fez-nos lembrar mais de Deus diariamente."

Durante os últimos anos de Edward Bok, este homem tinha uma irradiação espiritual que era evidenciada em todas as suas relações. Muitos dos que o conheciam repararam as mudanças que o afetaram naqueles últimos tempos. Ele estava convencido de que a vida de todas as pessoas deve incluir três períodos: o de educação, o de realização e o de serviço. Enquanto demonstrou ser um cidadão muitíssimo útil durante sua carreira ativa, foi nos seus últimos anos que ele deu incansavelmente do seu tempo e esforços para formar uma sociedade melhor. Foi durante aqueles anos que ele se transformou no benfeitor de toda a humanidade pelas suas dádivas e numerosos projetos que serviram à humanidade. Durante aquele período, ele estabeleceu o "Plano Bok para Paz" pelo qual, espíritos criativos, poderiam ser levados a considerar os meios de assegurar duradoura cooperação entre as nações. O dízimo trouxe à vida de Mr. Bok um conhecimento mais profundo e novo da presença de Deus. Sua fé foi aprofundada pelo dízimo.

Muitas das dúvidas correntes acerca da natureza e trabalhos de Deus no mundo moderno podem ser banidas se a pessoa está disposta a reconhecer a presença divina pondo a parte um décimo (10%) de seus rendimentos para o trabalho de Deus. Muito freqüentemente os jovens e adultos "decidem" que não há Deus, quando, na realidade, não tomaram conhecimento de Deus em suas vidas — e o fato os faz decidir que Deus não poderá ser encontrado em ponto algum do universo.

Qualquer pessoa que reconhece a presença de Deus pondo à parte o dízimo, virá a reconhecer que Deus está vivo, e que a realidade de Sua presença pode ser experimentada por todos que O procuram. O dízimo prepara a mente e o coração dos cristãos para que conheçam a Deus. Os anseios internos de homens e mulheres que querem segurança são, de um modo maravilhoso, satisfeitos à medida que dão contínua evidência de que reconhecem e apreciam tudo quanto o Pai Celestial tem feito por eles.

TRABALHANDO COM DEUS

Outra das "riquezas verdadeiras" do dízimo é o senso de “sociedade” (uma parceria, um aliança entre o Deus Criador e Salvador com seus filhos e filhas chamados a participar ativa e urgentemente da Missão divina de salvar o mundo) com Deus no trabalho do mundo. O dízimo dá ao indivíduo que divide seus bens materiais a consciência diária de que os problemas da humanidade não precisam ser resolvidos pelos homens por meio de seus próprios esforços e de suas próprias forças somente. Ele sugere que o mundo é, todo ele, uma parte dos esforços criativos de Deus, e que o homem divide com Deus o privilégio de usar Suas bênçãos para beneficiar toda a humanidade.

Um dizimista põe este fato nestas palavras: "quando entregamos o dízimo temos a convicção de que somos parceiros de Deus na sua Missão de salvar o mundo. E é glorioso ter a Deus como Senhor e um amigo que nos chama e nos concede o privilégio de trabalharmos com ele em prol do Reino de paz e justiça. Um Deus sempre presente a quem podemos levar nossos problemas em qualquer época e qualquer lugar, onde quer que estejamos. Um Deus amorosíssimo que sabe o que é melhor para nós. Um Deus todo-poderoso que nos traz aquelas coisas que são as melhores para nossa vida espiritual, física ou financeira."

Estes dias são de rápida mudança na sociedade. O temor da guerra se eleva constantemente sobre um mundo abalado. Os novos meios de destruição desenvolvidos pelo homem afeta o pensamento de todas as pessoas do planeta. A confiança no futuro tende a ser substituído por uma crescente ansiedade que lança sua sombra sobre a vida cada dia. Mas, o dizimista tem fontes suficientes para enfrentar as incertezas deste

mundo. Ele está ciente de uma entrega de sua vida nas mãos de Deus e de uma aliança com Deus no planejamento de sua vida. Ele não sente impulso para resolver, por suas próprias forças, todos os problemas de sua vida, de sua família, de seu trabalho e da humanidade.

Ele sabe que tem o privilégio de trabalhar com Deus em fazer tudo que pode ser feito para fazer um mundo melhor e assim, não sente que grandes responsabilidades serão lançadas sobre seus ombros apenas. Ele é um servo e um amigo de Deus. Ele está apto a dizer: "todas as coisas cooperam juntamente para o bem daqueles que amam a Deus". Aquele que entrega o dízimo sabe que as decisões finais acerca dos fins da vida estão nas mãos de Deus. Isto remove o peso da ansiedade de sua vida. Ele experimenta todos os dias um senso de alegre comunhão ao fazer as tarefas que precisam ser feitas.

O dízimo constrói a confiança. Ele bane o temor instalando um senso de aliança com Deus no coração de cada um que fielmente entrega o dízimo de seus rendimentos. Antes de confiarmos no dinheiro e nos demais recursos que temos, nós confiamos em Deus e nele somos fortalecidos.

AJUDA A VIDA DE ORAÇÃO

Como temos afirmado, o dízimo não é tão somente uma contribuição para Deus e sua Obra, mas é também algo que contribui com a nossa própria vida, nossa fé e nossa espiritualidade. O dízimo, por exemplo, faz uma contribuição à vida de oração dos cristãos fiéis. Aprofunda também as outras experiências espirituais pelas quais o poder divino é posto a nossa disposição.

A oração eficiente depende do nosso conhecimento de Deus. É impossível orar se Deus é um estranho para a pessoa que O procura. Os que oram sem ter alicerce da comunhão com Deus são como aqueles pagãos que gritam para um ídolo de pedra. Experiências vívidas de oração requerem uma compreensão básica da amizade entre Deus e aquele que O busca em oração.

O dízimo fornece contínuos lembretes da realidade de Deus no mundo. O dizimista sente uma consciência diária da presença divina. Ele acha fácil falar com Seu pai celestial por meio da oração.

Há muitas pessoas que tentam orar sem entregar suas vidas a Deus. Olham para Deus como estando muitíssimo longe, um tipo de mágico maravilhoso que pode ser persuadido a obrar milagres que serão de grande vantagem para si. Sentem que Deus está muito longe ou desinteressadíssimo de suas vidas para aborrecer-se com o exame do que têm feito. Essas pessoas não perguntam a si mesmas se têm algum caminho que os habilita a pedir favores a Deus. Muitas vezes presumem que sua nacionalidade os qualifica para tal aproximação. Acreditam que pertencem a um povo escolhido, um povo que pode merecer um interesse especial da parte do criador. Às vezes presumem, ousadamente, que sua virtude pessoal é tal que podem influir na vontade de Deus para fazer suas vontades. Mas sabemos que estão equivocadas, pois somos salvos pela graça, o amor imerecido de Deus, e não por causa de quem somos ou do que fazemos (Ef 2:5 e 8).

Mas, a verdadeira oração é a que se ergue de uma vida entregue a Deus. É o resultado de uma íntima e profunda comunhão entre o cristão e seu Deus. É aqui que o dízimo faz uma importante contribuição para a oração, porque o dízimo é um ato de entrega. É uma confissão diária de que Deus existe e de que Ele trabalha no mundo. O dizimista tem uma sólida base de fé: a certeza da presença de Deus. Esta fé se torna o alicerce de uma comunhão diária por meio da oração.

COMUNHÃO ENTRE OS FILHOS DE DEUS

Outra das "verdadeiras riquezas" da fé que é percebida pelo dizimista é o senso de comunhão entre os filhos de Deus.

Tudo na vida é sagrado para aquele que entrega o dízimo porque tudo da vida é criação de Deus. A humanidade é de Deus, como também o esplendor da natureza no mundo tísico. O dizimista se julga, bem como

aos outros homens, como pertencentes a Deus, porque foram criados pelo Pai celestial.

Um ministro contou uma visita que fez a uma senhora num asilo de velhos. Ela havia sido uma cristã fiel durante toda a sua vida, e sabendo que a morte não estava longe, solicitou que um hino especial fosse cantado em seu funeral. Este hino era sua profissão) de fé:

"Meu pai é rico em rasas e terras,
Ele segura as riquezas do mundo em Suas mãos
De rubis e diamantes, de prata e ouro,
Seus cofres estão cheios;
Ele tem riquezas incontáveis.
Sou filha de um rei, sou filha de um rei.
Com Jesus, meu Salvador, sou filha de um rei."

Todos os dizimistas têm esta fé confiante não somente por si mesmo, mas, por todas as pessoas do mundo. Ele vê toda a humanidade como "filhos de um rei". Não filhos e filhas para cobiçar o poder e poder mandar nas demais pessoas. Não filhos e filhas para cobiçar riquezas e poder enriquecer e viver luxuosamente num mundo que precisa de salvação. Como filhos e filhas do Rei, devemos olhar para a vida de Jesus, o Filho, e aprender com Ele. Ele disse: "eu não vim para ser servido, mas para servir" (Mc 10:42-45; Lc 22:27). Eu vim para que todas as pessoas tenham vida e vida com abundância. Devemos com toda fé e autoridade invocar sobre nós a nossa filiação divina para poder servir a Deus e a quem Ele nos enviar.

Tal fé acaba com a tensão que é o resultado de suas desastradas relações pessoais. Grande parte da infelicidade do mundo atual tem suas fontes no mau entendimento entre as pessoas. E a maioria desses mal-entendidos se originam no egoísmo. As tensões se originam quando as pessoas querem impor suas vontades, ou quando aspiram prestígio ou poder.

O dizimista vê a vida como uma dádiva do amor de Deus. Toda a humanidade é uma parte de Sua criação. Visto que o dizimista é alguém que tem uma aliança com Deus ele toma parte no interesse por toda a riqueza e beleza natural do mundo, mas, especialmente por todos os demais filhos e filhas de Deus.

João e Harriett Stewart, de Haddonfield, New Jersev, demonstraram que o dízimo ajuda a construir um senso de comunhão com as pessoas de todas as nações. Como parte de sua dedicação cristã eles reconheceram que todas as pessoas de todas as raças e nações são dignas de seu amor. Durante muitos anos João e Harriett contribuíram com seu dinheiro para manter meninos na China. Às vezes a recompensa era somente a alegria dos dizimistas em fazer o que achavam que era a vontade do Senhor. Mas, um dia, David Lin veio da China para ficar em casa deles, e expressou sua gratidão por sua bondade durante aqueles anos. Ele havia se tornado o presidente de um dos maiores colégios cristãos na China. O Dr. Lin contou como sua fé havia sido fortalecida ao saber que seus amigos na América eram dedicados seguidores de Jesus Cristo. João e Harriett aprenderam que o dízimo constrói um senso de comunhão que atravessa todas as barreiras da língua e da raça.

O dízimo tem uma maneira de erguer os horizontes daqueles que dividem seus bens materiais para o trabalho do Reino. Ele tira o indivíduo para fora de uma interpretação estreita e egoística da relação que há entre Deus e o mundo. Trá-lo para o lugar onde a criação se torna santa à vista de Deus. A fé é aprofundada e a largada pelo hábito regular de entregar o dízimo.

O DÍZIMO É A CHAVE

Nesta geração, e nas outras que a tem precedido, muitos indivíduos estão lutando com problemas de fé. As filosofias que tentam resolver os problemas da humanidade são numerosas. Algumas prometem aos seus seguidores o sucesso e a riqueza. Muitas asseguram a seus adeptos que podem até mesmo abolir a injustiça do mundo ou simplesmente apregoam que se não podemos enfrentar e terminar com as injustiças, só nos resta então relaxar e desfrutar o que for possível: "comamos e bebamos porque amanhã certamente morreremos" ou "e eu com isso?".

A fé cristã é uma aproximação completa e satisfatória ao problema de como os homens podem conhecer a Deus, e como eles podem entender Suas relações para com a humanidade. O Cristianismo proclama que o Pai celeste revelou-se a Si mesmo em Jesus Cristo para que possamos conhecer as eternas realidades e significados. A natureza de Deus e de Seu trabalho no mundo é dramaticamente explicado no nascimento, ensino, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Entretanto, muitos cristãos não alcançam os tesouros da fé. As implicações de um Deus de amor cujo poder é infalível nunca é percebido em suas vidas. Deus pode ser o Pai celeste cuja graça não tem medida, mas, tal fé não os faz triunfantes na vida diária e vitoriosos na hora da morte.

A barreira de fé na experiência de muitos cristãos pode ser explicada por sua atitude para com o dinheiro. Jesus expressou a idéia com clareza: "Se não tendes sido fiel nas riquezas de Mamom, quem vos confiará as verdadeiras riquezas?" Os homens devem ser fiéis a Deus no uso de sua riqueza material se quiserem possuir as verdadeiras riquezas da fé.

O dízimo é um reconhecimento prático da bondade de Deus, e ao mesmo tempo a porta aberta para uma fé triunfante e viva.

CAPÍTULO VIII

O DÍZIMO E A MISSÃO MUNDIAL DE CRISTO

O dízimo ajuda a alargar os horizontes cristãos. É inevitável que tal fato se patenteie imediatamente no coração daqueles que entregam o dízimo. A natureza da prática, como um reconhecimento da bondade de Deus torna possível aos seguidores de Jesus ver um mundo diferente daquele que antes viam sem interesse.

Os dizimistas olham para a terra com sua luz solar, seus minerais e solo fértil como uma dádiva do Pai Celestial. O mundo é, então, sagrado, torna-se uma parte de sua mordomia. Deus é visto como o doador, não somente das leis da natureza e do universo, mas, do essencial da vida diária. Ele é a fonte do ar que respiramos, da água que bebemos e do alimento que fortalece nossos corpos físicos.

Aqueles que entregam o dízimo reconhecem que as dádivas diárias que lhes chegam às mãos são uma evidência expressa da providência de Deus, não somente por meio dos atos da natureza, mas, por meio dos trabalhos do Seu povo por todas as partes do mundo.

O Dr. Abrahão Myerson descreve a dependência dos homens dos outros com estas palavras: "quando um homem come, ele incorpora em si, Nebraska, a Índia, a China e os mil e um lugares de onde os alimentos vêm e, num sentido mais amplo, incorpora em si o sol, e também, se Milikan está certo, outras infinitas fontes de energia." Para o cristão é um fato atual que Deus como criador é a fonte de energia, tanto visível como invisível, que contribui para o bem estar físico e espiritual do homem.

Quando um cristão aceita tal interpretação da vida, conforme documentada na Bíblia, e na história, ele percebe que tudo na vida é santo, e que as pessoas por todas as partes do mundo são uma parte do interesse criador de Deus. Isto modifica sua atitude para com o mundo, ajudando-o então a ver todas as nações e pessoas como uma parte viva do plano de Deus.

Dimitri Mitropoulos ganhou grande respeitabilidade como um dos maiores condutores de orquestras sinfônicas dos tempos modernos. O povo foi rápido em reconhecer seu gênio. Mas o Dr. Mitropoulos embaraçava "officials *of the Minneapolis Sympathy*" porque morava no "campus" da Universidade de Minesotta e vivia com menos de US$ 3.000 por ano de seu ordenado de US$ 25.000. Havia aqueles que objetavam estridentemente dizendo que isto não estava de acordo com sua posição de regente de uma das maiores orquestras sinfônicas do mundo. O Dr. Mitropoulos explicou que se sentia compelido a viver simplesmente. Ele falou do seu humilde começo na Grécia e da grande luta que teve na juventude para obter uma educação musical. Declarou que fora fortalecido naqueles dias pela fé em Deus e pelo encorajamento dos amigos. Tendo sido tão ajudado, ele achava que não podia receber qualquer compensação sem por de lado uma grande porção para ajudar a outros que precisavam e mereciam uma oportunidade semelhante. Ele estava, portanto, usando seu salário como algo que lhe foi confiado, ajudando as pessoas necessitadas.

É este o espírito que impele o dizimista. Ele está ciente de que Deus tem sido bom para com ele. Os frutos de seu cuidado providencial são evidentes em cada mão. Tal mordomo sente um impulso para reconhecer esta misericórdia, cada dia, pelo serviço que presta aos outros.

INTERESSE NAS PESSOAS

Os dizimistas estão interessados no mundo e suas pessoas. Seu interesse tem origem em dois princípios: primeiro, a evidência dos muitos tesouros que Deus tem colocado no mundo, e que o cristão reconhece, pondo à parte um décimo (10%) do seu dinheiro ganho; e segundo, a idéia de que toda a terra é uma parte da criação de Deus e, portanto os cristãos sentem um impulso para usar seus meios e sua força para ajudar a construir um mundo melhor, e a dar uma oportunidade a todas as pessoas para aprender sobre Jesus Cristo.

A natureza da crença do dizimista em Deus comissiona-o imediatamente, e por toda a sua vida, para o trabalho de ajudar as pessoas em todas as partes da terra a conhecer a Cristo, e viver por Ele.

"Não cessarei a ardente luta,
Nem dormirá a espada em minha mão,
Enquanto não tivermos construído Jerusalém
Em toda a terra bela e agradável."

Esta modificação das linhas marciais de William Blake descreve a posição do dizimista quando faz face à nossa civilização contemporânea. Porque o mundo é de Deus, o dizimista não pode permanecer preguiçoso enquanto todas as partes da terra não reconhecem o amor de Deus conforme revelado na natureza, na história, e no Evangelho de Jesus Cristo.

Um dizimista reconhece que a fé cristã é o que tornou sua vida diferente das outras vidas no mundo. A fonte de paz interior é sua confiança em Deus que foi revelada em Cristo. Devido a esta certeza, a força que sua fé lhe deu, ele começa a praticar o dízimo.

É compreensível que aqueles que entregam o dízimo queiram investir seu dízimo naquelas cousas que permitirão às pessoas necessitadas em todas as partes do mundo a obter um conhecimento de Deus e a dedicar-se a Cristo.

Os dizimistas reconhecem que o alimento e a roupa devem ser dados àqueles que estão famintos e nus. Alegremente admitem que as organizações seculares que trabalham para prover o bem estar social e econômico para os pobres da terra, têm um papel importante a

desempenhar na luta por uma sociedade melhor.

Mas, o dizimista deseja usar a maior porção de seu dízimo em sua igreja local e nas missões. Ele sabe que a luta maior é com a ignorância humana sobre de Deus e a negação de Sua vontade por parte dos homens. Porque sua própria vida abundante tem origem em sua fé, é compreensível que deseje dar o dinheiro do Senhor para ser aplicado na tarefa que promete levar a outros a mesma oportunidade de salvação.

A causa missionária em casa e ao redor do mundo é assunto de primeiro interesse. Visto que ele tem uma parte em tais esforços, o dizimista sabe que ele está contribuindo no trabalho de redenção do mundo. Através da manutenção das igrejas, de obras missionárias, escolas, colégios e hospitais, o Reino de Deus se aproxima a cada dia, pelo serviço que é prestado pelo ministro, pelo missionário, pelo professor e pelo médico, entre muitos outros.

QUÃO INSIGNIFICANTES SÃO AS NOSSAS DÁDIVAS

Os cristãos deveriam sentir-se penitentes quando consideram o fato de que nossas dádivas para missões têm sido tão miseráveis. Essa tragédia não pode ser completamente compreendida enquanto não fazemos uma comparação entre as despesas das missões e as que são feitas para outros propósitos.

Em 8 de dezembro de 1941, uma esquadrilha de bombardeiros apareceu no céu à oeste, além da Cingapura, Malásia, às 11:02 da manhã. Os dois maiores navios de guerra britânicos, o "Príncipe de Gales" e o "Repulsa", estavam de âncoras lançadas no porto. Os aviões iniciaram o bombardeiro e a destruição de ambos. Vinte e dois minutos depois que haviam sido vistos no horizonte os aviões partiram atrás de uma grande coluna d'água pela qual todos os sinais dos dois grandes navios de guerra desapareceram. O "Príncipe de Gales" e o "Repulsa" foram destruídos e afundados no breve espaço de vinte e dois minutos!

Mas, considere isto! A perda dos dois navios de guerra representaram uma quantia de dinheiro maior que a soma total gasta nas missões no Japão por todos os grupos cristãos desde 1867, quando o Japão foi aberto pelo Oeste, até 1941. Vinte e dois minutos! Uma chuva de bombas, e dois navios de guerra foram destruídos, os quais custavam mais que todas as escolas e igrejas, os missionários, e professores que serviram no Japão desde o começo da influência cristã no oeste, naquela terra.

Há aqueles que acusam a igreja cristã de fracasso ao enfrentar a realidade. Alguns homens argumentam que um tipo de relações puramente econômico ou militar entre as nações do mundo é "senso comum". No entanto, é discutível se o cristianismo pode ser acusado de fracasso na promoção, pelo poder da fé, da paz e da justiça, na conversão aos valores éticos e eternos do Reino de Deus, seja das populações, seja dos governantes em terras estrangeiras quando gastamos uma quantia tão desproporcionada de nossa riqueza para os meios materiais de destruição, e tão pouco para a implantação das idéias que têm seu alicerce na fé do Todo-poderoso. Deveríamos gastar mais com educação e saúde, por exemplo, do que com armas, pesquisas bélicas, bombas e guerras...

O Departamento de Comércio dos Estados Unidos revelou cálculos indicando que em 1952 a quantia gasta em tabaco pelo povo dos Estados Unidos era igual a US$ 96,20 para cada homem e mulher que o usa. As contribuições para fins caritativos e religiosos no mesmo ano indicam que cada americano deu somente USS 7,31 para manter cada igreja e instituição religiosa no país.

O cristianismo merece uma oportunidade para demonstrar o que ele pode fazer nos corações dos homens. Nesta geração as evidências de tensões crescentes entre as nações mostram que os caminhos seculares chegam a um fim mortal. Estamos em cima da hora de verificar se de fato vale a pena ou não tentar a sorte com Jesus Cristo, deixando de lado todo tipo de alternativa à Jesus e ao seu Evangelho da Paz.

Um novo nascimento de entusiasmo para atingir todas as partes do

mundo com a mensagem de Cristo deve, entretanto, originar-se nos corações dos cristãos. Apela-se para uma hoste de seguidores de Jesus tornar-se entusiasta, com um interesse urgente pelo povo, para que toda a pessoa possa conhecer a Cristo, e possa viver de acordo com seus ensinos.

As fontes materiais para aceitar este desafio apelam para homens e mulheres que darão o dízimo de seus rendimentos como um reconhecimento de sua gratidão para com Deus, e que deixarão estas dádivas sobre o altar para que os homens possam ser ganhos para Cristo em suas próprias comunidades e através do mundo.

Há uma geração atrás havia um moço que, tendo recebido uma grande fortuna de sua família, deixou de lado as facilidades e o luxo para servir como missionário na África. Seu nome era Guilherme Borden. Um dia ele estava de pé numa esquina de Cairo, no Egito, conversando com um amigo, quando um homem passou de Cadillac. "Gostaria de ter um carro igual àquele", disse Borden, brincando. "Compre um, então", replicou-lhe seu amigo. "Você tem bastante dinheiro". Guilherme Borden balançou a cabeça tristemente: "não, não posso adquiri-1o". Não muito tempo depois Borden morreu, havendo gastado toda a sua força no sentido de ganhar almas para Cristo, e tendo dado toda a sua fortuna para expandir a causa de Cristo no mundo.

Guilherme Borden teve um impulso muito grande de dividir sua fé cristã. Ele sabia que vir a Cristo e entregar a Ele a vida é um assunto de vida ou morte.

Borden dava o dízimo de seu dinheiro e juntamente com sua riqueza deu também a sua vida para a Causa.

As necessidades da humanidade no século vinte, requerem a entrega completa de si mesmo por todo o cristão professo, e o reconhecimento daquela entrega será a separação de 10% dos seus rendimentos para o trabalho de Deus no mundo.

É evidente que a Igreja poderia realizar milagres nesta geração se ela tivesse dinheiro suficiente para enfrentar o desafio. Por todos os lados o programa missionário é enfraquecido por falta de fundos. Igrejas poderiam ser edificadas em que homens e mulheres de todas as raças e nações poderiam aprender os caminhos do Senhor. Escolas poderiam ser construídas que moldariam novas atitudes mudando mentes e corações. Hospitais poderiam ser providos nos quais homens e mulheres conheceriam a Deus pelo ministério da cura da Igreja. Evangelistas e professores poderiam ir em todos os lugares remotos do planeta para proclamar as boas novas do Evangelho. A missão de Cristo a um mundo necessitado, espera a entrega do dinheiro necessário para cumprir suas tarefas.

Este momento na história exige sacrifício, mas precisa de mais ainda, da parte de todo Seu povo, um reconhecimento grande da misericórdia de Deus. Uma nova certeza de nossa dependência de Deus por todas as bênçãos da vida mudaria o sacrifício numa entrega alegre. Verificar que o dízimo é um privilégio de cada seguidor de Jesus ajudaria muito. O reconhecimento da misericórdia de Deus transformaria as atitudes para com o dinheiro de modo que os cristãos se esforçariam para administrar cada cruzeiro que possuíssem como sendo sagrado.

Um missionário na Inglaterra estava recentemente apresentando a causa de Cristo à congregação. Ele mencionou as numerosas oportunidades para o serviço, as quais eletrizam a igreja. Um negociante ficou profundamente impressionado pela mensagem, e deu ao missionário um cheque substancioso no fim do culto. Alguns dias depois o homem escreveu apologeticamente para dizer que havia sofrido reveses financeiros inesperados e perguntava se era possível devolver-lhe a dádiva. O missionário, embora desapontado, devolveu o cheque ao homem pela volta do correio. Mas, alguns dias depois havia outra carta do negociante. Desta vez anexava um cheque ainda mais vultuoso que o anterior. "Eu estava enganado!" Ele escreveu. "Deus me tem dito que eu devo entregar o dízimo enquanto posso".

Eventos cruciais, diariamente, em todas as partes do mundo, enfatizam a importância do Evangelho Cristão para a humanidade

necessitada. O dízimo é uma parte das dádivas de Deus confiado a Seus filhos. É o privilégio de cada seguidor de Jesus Cristo entregar seu dinheiro, enquanto pode, esperando que ele possa ser o meio pelo qual um novo mundo nascerá.

SE TODOS ENTREGASSEM O DIZIMO

É possível calcular que resultados colheríamos se a maioria dos cristãos professos entregassem o dízimo de seus rendimentos, para que tal tesouro sustentasse a Igreja e as missões estrangeiras.

Uma coisa é certa: tal dedicação do dinheiro pouparia o tempo gasto na coleta de fundos para a igreja, pelos diversos processos que usamos. Estes processos adicionam dinheiro ao tesouro de Deus, mas tendem a tirar o foco de atenção das responsabilidades mais importantes da vida cristã. Um pastor, embaraçado com a absorção de seus paroquianos nos numerosos estratagemas para caçar dinheiro, disse: "creio que deve haver um meio melhor de sustentar a Igreja". Muitas igrejas descobriram que o melhor meio de conseguir o sustento da igreja é pela prática do dízimo. Por meio deste plano financeiro, os meios de levantar dinheiro desaparecem e os membros da igreja experimentam vitórias espirituais em suas vidas pessoais e nos lares.

Um pastor em Berkeley, Califórnia, descreveu o que aconteceu em sua igreja quando seus membros aprenderam a entregar o dízimo. Ele disse: "nossas despesas somavam 30.000 dólares, além do compromisso missionário. Foi necessário fazer certos avanços na receita para manter o passo com a crescente alta do custo de vida. Um dos nossos irmão disse: "no próximo ano vamos estabelecer como nosso alvo, não um alvo teórico, mas um alvo que escreveremos em nosso orçamento, um orçamento 50-50 (meio a meio) dando tanto para os outros quanto damos para o trabalho de Cristo aqui". Isto significa um aumento de 30.000 dólares em um ano para missões. As pessoas na reunião concordaram: "quer possamos, quer não, realizá-lo este ano, vamos começar o ano e enfrentá-lo abertamente como congregação. Esta é a vontade de Deus!" O que dermos a nós mesmos daremos aos outros. No fim do ano, verificamos para alegria nossa que havíamos ultrapassado o orçamento missionário, fazendo um avanço de cerca de 33.000 dólares sobre o ano anterior. Não sei exatamente como foi que isto aconteceu. Não é tanto porque temos enfatizado nossa mordomia, que ternos procurado realizar, mas os porque temos unido o dízimo com nossa grande missão em Cristo!"

O milagre que aconteceu naquela congregação da Califórnia pode acontecer em muitas outras. Uma nova esperança para a Cristandade na geração vindoura aguarda a prontidão dos membros das igrejas para colocar à parte seu dízimo como uma medida mínima do viver cristão.

O dízimo é prático porque tem uma relação definida com a tarefa da igreja cristã. Reconhece a Deus como o doador de todas as bênçãos. Interpreta o mundo todo e seus habitantes como parte da criação de Deus e plano de Deus. Na realidade de tal fé o cristão ansioso está com o compromisso de usar os bens materiais que o Senhor lhe confiar para que o resto da humanidade possa ser trazido a Ele, e para que o mundo possa ser salvo da destruição e morte.

Todo o seguidor de Jesus Cristo tem o privilégio como parte de seu compromisso, a entregar o dízimo de seus rendimentos, e a dedicar esse dízimo à missão de Cristo aqui e por todo o mundo.

CAPÍTULO IX

O DÍZIMO E A VIDA DE MORDOMIA

O dízimo é uma parte de um princípio maior que os seguidores de Jesus conhecem como Mordomia Cristã. O dízimo é importante, mas é tão somente uma parte daquele conceito maior. A idéia da Mordomia Cristã em contraste com o dízimo inclui três princípios básicos:

1) Deus é o dono de tudo na vida.
2) cada pessoa é um mordomo de tudo quanto Deus lhe confiou; e
3) cada pessoa deve dar conta de sua mordomia.

É importante para aqueles que entregam o dízimo perceber claramente a relação que há entre a dádiva regular e o resto da dedicação que tem o privilégio de fazer para Deus.

Enquanto, em seu sentido restrito, o dízimo se refere à colocação à parte de um décimo (10%) do rendimento de um cristão para o trabalho de Deus, é verdade, contudo. que os dizimistas, como têm praticado a mordomia de seu dinheiro, têm sentido também a urgente necessidade de dedicar seu tempo, seus talentos e suas vidas a Deus.

A natureza do dízimo é tal que o dizimista rapidamente aceita este conceito mais largo da mordomia. O dízimo é um reconhecimento do poder de Deus, e do contínuo interesse pelo Seu mundo. O fato que um mordomo fiel põe à parte 10% do que ganha como um ato de adoração é um sinal de seu reconhecimento que todo o resto foi dado por Seu Pai celestial a seus filhos. Ele não acreditar na idéia de que somente uma pequena seção de sua personalidade total (a representada por seu dinheiro) é sagrada. Seu dízimo é uma indicação de sua crença na santidade de tudo na vida.

COMO O DINHEIRO É GANHO

Como parte desta mordomia mais abrangente, o dizimista se interessa com os meios pelos quais ele ganha dinheiro e com o uso que faz dos nove décimos (90%) que permanecem sob sua administração e uso depois de colocado à parte o dízimo do Senhor.

Os mordomos cristãos não dirigem todos os seus esforços e desejos no aumento de seus bens materiais, mesmo que ponham de lado um décimo dos fundos maiores que tais esforços lhes trazem.

Tolstoi, na história do camponês chamado Pakhom, pintou dramaticamente o desastre humano que resulta da posse avara do dinheiro. Inicialmente, Pakhom, um fazendeiro russo, estava feliz nas alegrias da vida diária. Ele tinha uma esposa, filhos e uma fazendinha. Ele não possuía grandes fortunas ou terras, mas tinha paz e contentamento. Então, um primo veio visitá-lo. O homem olhou com desdém a fazendinha de Pakhom. Ele lhe fez sentir que não tinha nada, que não era ninguém, a menos que possuísse muitos acres de terras. Desde aquela hora Pakhom não teve mais satisfação ou descanso. Entregou-se à faina de adquirir mais terras. Isto se tornou a paixão de sua vida. Tolstoi nos mostra o resultado deste esforço. A risada alegre cessou de ser ouvida no lar de Pakhom. Perdeu tudo quanto havia considerado precioso, inclusive a vida, por causa do seu desejo avarento de riquezas.

O Cristão que esta se esforçando para ser um mordomo de tudo quanto possui naturalmente ficará interessado nos motivos que o dominam quando procura estabelecer sua vida. Constantemente ele trará os propósitos e métodos por meio dos quais assegura o dinheiro sob a luz dos ensinos e da presença de Jesus.

João H. Ryder, um chefe de propaganda, conta como a descoberta de sua aliança com Deus o levou a uma mudança nos métodos que usava em seus negócios. Ele diz: "tentei oferecer área após áreas de minha vida a Deus, especialmente meu trabalho, no escritório, procurando somente fazer Sua vontade e Ele a revelou a mim. Simplesmente desejei servir a Deus agora, e meu escritório, era o lugar onde eu passava a maior parte

do tempo e exercia a maior influência."

É inevitável que um mordomo cristão examine seu negócio e práticas profissionais. Ele não Poe evitar a questão: está seu trabalho de acordo com as idéias de dádiva divina de todas as coisas da vida? Entregar o dízimo não escusa nenhum seguidor de Jesus da necessidade de averiguar a fonte do seu dinheiro: se está de acordo ou não com o conceito do poderio de Deus.

COMO USAR O OUTRO DINHEIRO

O mordomo cristão também não pode deixar de estar interessado no uso que faz do dinheiro depois que entregou o dízimo ao Senhor. Ele não pode viver como se aquela importância (os 90%) lhe pertencesse. A mordomia cristã requer um senso de obrigação por todo o dinheiro que entra na posse do seguidor de Jesus.

Alguém contou de um menino de 12 anos que em certo domingo seria batizado. Era um dia importante em sua vida, porque ele mesmo havia tomado a decisão de aceitar a Cristo e de entrar para a igreja. Naquela manhã de domingo, quando seu pai entrou no quarto do menino, viu que o menino havia aberto a caixa em que guardava as economias de seu dinheiro, e enchia os bolsos com níqueis. "Que é que você está fazendo?" - perguntou o pai, com firmeza. O menino parecia um tanto embaraçado. "Pensei que quando eu fosse batizado hoje, seria uma boa idéia que meu dinheiro fosse batizado também", disse ele.

Esta é uma conclusão razoável que podemos fazer concernente à relação que há entre o dinheiro e as experiências espirituais. Todo o mordomo fiel gostaria que tudo quanto tem recebesse o selo da divina aprovação, quer seja usado para impostos, para necessidades domésticas, para lazer, educação ou para a igreja.

À luz da mordomia cristã, um cristão dará sempre uma porção maior que um décimo de seu rendimento para o trabalho de Deus, quando se torna ciente dos vastos tesouros que Deus colocou à sua disposição. O dízimo é um reconhecimento e uma medida histórica, mas nunca marcou o estágio final da contribuição. O dízimo não deve ser visto pelo cristão como o máximo, mas como o mínimo com o que pode contribuir.

Nos tempos do Antigo Testamento os hebreus foram encorajados a trazer ao Altar oferendas voluntárias em adição aos dízimos. A concepção do Novo Testamento da graça leva à conclusão de que os seguidores de Jesus desejarão dividir uma quantia muito maior de seu tesouro do que aquele estabelecido no Antigo Testamento.

Uma dedicação à prática da mordomia levanta, inevitavelmente, a questão de quanto um cristão daria em adição ao dizimo. Certamente ele procura usar seus nove décimos (90%) sabiamente. Ele considera como será melhor gastar nas despesas comuns, do seu orçamento. Depois, de uma distribuição sábia ele alegremente dá o que sobra para a extensão do Reino de Deus no mundo. Às vezes é um décimo, às vezes dois ou três décimos, às vezes, ainda mais.

A mordomia da vida requer que todo o dinheiro, recursos, posses, talentos e dons sejam considerados sagrados, e assim, em adição ao dízimo, ofertas voluntárias sejam deixadas no altar como reconhecimento da bondade e misericórdia de Deus e serviços voluntários sejam feitos em nome de Deus e em prol do Evangelho de Deus.

USO DO TEMPO TAMBÉM

Como parte de sua mordomia total o dizimista está também interessado no uso do seu tempo. Os dias e anos à sua disposição são uma dádiva sagrada. Ele é um mordomo do tempo enquanto viver.

As pessoas do século XX estão cientes do significado do tempo como nunca antes na história humana. A idéia de que esta existência é sossegada e sem atropelos foi substituída por uma corrida para cumprir propósitos definidos imediatamente como se não existisse um amanhã

para trabalhar.

Enquanto os cristãos nunca se caracterizam por um senso de pressa, aqueles que foram mordomos da fé cristã sentiram a urgência de estar ocupados com tarefas significativas. O tempo era algo sagrado, para João Wesley. Ele tinha tanto que fazer, e tão pouco para fazê-lo, que sentia um impulso de estar constantemente ocupado fazendo o trabalho do Senhor.

Os homens neste século estão vivendo com um senso de urgência. O tempo é santo porque pode ser limitado. A condição do mundo é tal que os representantes de muitas das ciências e religiões unem-se na crença de que o tempo, como o conhecemos pode ter um limite definido. Os meios modernos de destruição podem obliterar (destruir, extinguir) a vida toda da face da terra.

Um mordomo cristão que é fiel no uso do seu tempo não vive no temor do futuro, mas constantemente enfrenta a questão: está ele fazendo uso sábio dos anos à sua disposição? Ele pergunta a si mesmo: "estou eu sendo verdadeiro para com Deus se devoto todo o meu tempo para o trabalho, para o prazer, e para o sono, mesmo entregando o dízimo do meu dinheiro?"

Alguns cristãos tentam entregar o dízimo do seu tempo tanto quanto de seus bens materiais. Esforçam-se para elaborar um plano que inclui pelo menos dez por cento de todas as horas de folga para dedicá-las ao trabalho do Reino.

Uma escola religiosa estava precisando muito de um professor. O nome de um corretor ocupadíssimo foi mencionado como uma possibilidade. "Oh! Ele é demasiado ocupado para uma coisa dessas", disse alguém que o conhecia. A outra pessoa não estava tão certa, e sugeriu que lhe perguntassem. O homem de negócios aceitou e começou o ensino regular na escola. Quando alguém lhe perguntou como podia arranjar tempo no seu escritório para tal tarefa, ele respondeu: "não há nada mais importante em minha vida do que o testemunho do Evangelho e a possibilidade de uma influência cristã sobre a juventude no esforço de construir um caráter cristão".

É este o motivo que guia o mordomo cristão no uso do seu dinheiro. Ele reconhece que cada dia é santo porque lhe foi confiado por Seu pai celestial. Procura usar cada hora sabiamente, pondo à parte uma porção digna para sustentar as da igreja, o avanço missionário e ações na comunidade através da qual ele pode fazer algo por Cristo e pelo modo cristão de viver.

Os mordomos da fé cristã sentem uma obrigação de usar bem seu tempo. Na novela intitulada "Todos os Homens do Rei", Willie Stark diz no final: "sairemos de história para a história e para a grandiosa responsabilidade do tempo".

Aqueles que estão procurando seguir a Cristo dividem um senso semelhante de contabilidade pelo uso próprio do tempo. Quando podemos olhar uma semana em retrospecto, ou um ano, com a certeza de que fomos fiéis mordomos daquele período em nossas vidas, temos um senso de alegria santa, porque sabemos que o reconhecimento que temos feito na bondade de Deus requer não somente um décimo (10%) do nosso dinheiro, mas um uso correto de nosso tempo.

DEDICAÇÃO DOS TALENTOS TAMBÉM

Depois, como parte de sua mordomia total, os dizimistas estão interessados na dedicação de seus talentos. Consideram as habilidades pessoais para trabalhar e para conduzir como outra evidência do amor cuidadoso de Deus. Num espírito de consagração desejam ter estes talentos utilizados em negócios, no lar, e durante as horas de folga, de tal maneira que farão uma contribuição para o Reino de Deus na terra.

O Dr. Selman A. Waksman deu a esta geração um quadro inesquecível do homem que é um bom mordomo de seus talentos. Depois de fracassos e desapontamentos incontáveis, o Dr. Waksman descobriu a estreptomicina, um maravilhoso antibiótico. Quando a

estreptomicina estava pronta para ser distribuída para o mundo para o tratamento da tuberculose, da febre tifóide, da febre ondulante, e outras doenças terríveis, os representantes de diversas grandes firmas de drogarias aproximaram-se do Dr. Waksman para comprar seus direitos do produto. Ficaram boquiabertos ao descobrir que ele não aceitaria qualquer compensação pela substância porque achava que ela pertencia à humanidade. Ele considerava seus talentos como uma dádiva. Achava que o resultado de seus trabalhos não era seu, mas devia ser dividido com todas as pessoas em todos os lugares. Os fabricantes finalmente convenceram-no a permitir que alguns lucros da estreptomicina fossem à Universidade de Reuters, onde o Dr. Waksman trabalha como membro do pessoal da diretoria. A Universidade Reuters tem recebido mais de 800.000 dólares anualmente oriundos do produto, desde que a estreptomicina foi colocada no mercado.

Não há razão para que cientistas como o Dr. Waksman sintam que seus talentos são uma dádiva divina numa escala maior que os advogados cristãos, ou médicos, ou trabalhadores braçais ou donas-de-casa. Todos devem considerar seus talentos como dádivas divinas e colocarem-se a serviço da humanidade em nome de Deus e como um testemunho concreto do amor de Deus.

A providência do Pai Celestial não termina com o mundo material. A sua bondade inclui o poder potencial para o serviço que está em todo o indivíduo. Todos os talentos são de origem divina, designados a serem usados nos meios e situações que melhor contribuirão para os propósitos de Deus no mundo.

Uma jovem cristã tinha um emprego de secretária numa firma comercial que lidava com relações trabalhistas. Enquanto fazia seu serviço no escritório era forçada a ouvir muita profanação. Freqüentemente bebidas alcoólicas eram servidas. O salário era excelente, e assim, durante certo tempo, a jovem argumentou consigo mesma que, desde que ela entregava o dízimo de seu salário estava “quites” com as obrigações para com Deus. No entanto, sentia qualquer insatisfação interna. Começou a imaginar se seus talentos não deveriam ser usados em algum lugar de serviço onde pudesse fazer uma contribuição de valor duradouro para o mundo. Finalmente, decidiu que não havia outra escolha para ela. Resignou a posição para encontrar outra menos remunerativa, mas num trabalho em que ela estava apta a usar seus talentos para fins criativos e construtivos.

O dizimista que olha para tudo da vida como criação e interesse de Deus, procurará utilizar as habilidades com um senso de confiança, medindo suas oportunidades e comparando-as com as possíveis contribuições que podem ser feitas para o Reino de Deus.

A INFLUÊNCIA SOBRE OS OUTROS

Como parte de sua mordomia, o dizimista ficará também interessado no impacto total de sua vida sobre as dos outros. Ele reconhecerá que sua influência deveria ser estendida para ajudar a formar um mundo mais cristão.

Marian Castle, em seu "Deborah", descreve a influência de certo fazendeiro nestas palavras: "quando ele deixava um lugar sempre deixava a terra um pouco mais pobre, as porteiras caindo mais um pouco, os buracos dos caminhos um pouco mais profundos".

Tal conselho é a antítese da mordomia cristã. O mordomo entrega o dízimo do dinheiro que ganha, mas esforça-se para que o impacto total de sua vida e influência estejam do lado da retidão. Visto que a vida toda pertence a Deus, ele deseja usar suas forças para que os tesouros de Deus possam ser guardados como santos e desenvolvidos de modo que possam abençoar as vidas do Seu povo. O cristão, pela graça de Deus, é pacificador, respeitador, solidário, gentil, ou seja, tem qualidades que transformam o meio me que está num lugar melhor e influencia as pessoas com quem convive a serem pessoas melhores.

Deus é reconhecido como o doador de tudo quando um dizimista põe de lado dez por cento do que ganha. Ele está ciente de que o Pai Celeste abençoou ricamente Seus filhos com abundância de

oportunidades para o serviço, e com uma vasta dispensa de tesouros materiais e físicos. À luz de tais dádivas divinas, ele sente uma obrigação de usar cada uma com um senso de doação santa. Cada dia torna-se sagrado. Os tesouros materiais são aceitos como uma oportunidade para servir melhor as necessidades do povo.

Um mordomo cristão sente um senso de super-poder diante da vastidão das bênçãos divinas. Ele crê firmemente que todas estas dádivas exigem uma vida dedicada enquanto de viver.

Guilherme Temple estava pregando a uma grande congregação em Edinburg, na Escócia, há alguns anos atrás. As pessoas estavam eletrizadas pelo seu desafio para que fizessem uma dedicação de suas vidas a Cristo. No final do sermão, o bispo Temple anunciou o hino: "quando pesquiso a cruz maravilhosa". A congregação cantou com sentimento profundo. Perto do fim da terceira estrofe, o bispo Temple fez sinal para o órgão parar, e voltando-se para a congregação, pediu às pessoas que lessem o último verso como sua dedicação pessoal. Alguém presente notou que embora a congregação antes houvesse cantado com vigor, o último verso foi lido num murmúrio. Cada pessoa presente naquela noite reconheceu a profundidade da dedicação que estava envolta nestas palavras:

"Fosse todo o reino da natureza meu,
Isto seria um presente muito insignificante;
Amor tão maravilhoso, tão divino,
Exige minha vida, meu amor, tudo de mim."

Nada menos que uma entrega completa é exigida de cada cristão que deseja ser um mordomo fiel. E não há outra possibilidade de sermos cristãos verdadeiros senão através do caminho da mordomia cristã. O amor de Deus é refletido nas miríades de dádivas que ele outorga cada dia. O Evangelho de Jesus Cristo, os tesouros da história, os bens materiais, e os talentos pessoais, que são confiados a cada indivíduo sugerem apenas os meios incontáveis pelos quais Deus está abençoando seu povo.

À luz das dádivas do Pai Celestial beneficente e amoroso nada menos que uma completa entrega será suficiente. Um cristão fiel torna-se inevitavelmente um mordomo de tudo que possui durante o tempo que viver.

COMPREENSÃO DA MORDOMIA

O dízimo é uma porta aberta ao melhor conhecimento da mordomia cristã. Visto que o dinheiro é a mais difícil entrega que qualquer pessoa pode e deve fazer, há muitos dizimistas que verificaram que a prática do dízimo os levou a outras áreas da mordomia cristã, sem pensamento cônscio acerca disto. Descobriram que o reconhecimento das dádivas de Deus através do dízimo tornou-os aptos para ver a dedicação maior e mais inclusiva que é essencial se alguém deseja ser fiel à confiança que Deus Todo-Poderoso colocou sobre Seu povo.

A fé, o dízimo e a mordomia cristã são inter-relacionadas: não há como sermos cristãos sem sermos mordomos cristãos, não há como sermos mordomos cristãos sem sermos dizimistas e Deus não quer o dízimo de pessoas que não querem viver como mordomos cristãos. Com a consagração de seu dinheiro, o dizimista é levado a dedicar seu tempo, talentos e vida. É também verdade que um mordomo cristão logo reconhece o valor e a praticabilidade de usar o dízimo como uma medida mínima para a dedicação de suas posses.

CAPÍTULO X

O TEMPO PARA ENTREGAR O DÍZIMO É AGORA

Um cristão em Holliston, Califórnia, estava internado num sanatório para tuberculosos. Sua doença separou-o de sua família e o obrigou a afastar-se da sua posição na chefia de uma firma comercial. Depois de diversas semanas longe de casa ele anunciou a um amigo que o visitava que havia começado a entregar o dízimo.

- "É uma época estranha de começar a entregar o dízimo", respondeu seu amigo. "Aqui você está em má situação, com um longo período de convalescença pela frente. Como foi que você se decidiu a entregar o dízimo numa época como esta?"

- "Desta maneira," respondeu o homem. "Eu nunca apreciara senão agora como Deus tem sido bom para comigo e minha família. Mas, nunca levei isto em consideração. Mas, desde que fiquei doente aqui, tenho visto muitos sinais do amor do Pai celestial. Os amigos têm sido mais maravilhosos do que posso descrever, ao ajudar-me e à minha família. Meu trabalho está esperando por mim para quando eu estiver bom. Digo-lhe uma coisa, devo ser grato a Deus. Durante um longo tempo ouvi dizer que os cristãos devem entregar o dízimo dizendo com isto, que são agradecidos, mas nunca levei isto a sério". Assim, decidi-me a entregar o dízimo de tudo quanto ganhar agora, e a época de começar é agora".

O dízimo convida à dedicação. Exige um ato de vontade. Tendo enfrentado o assunto da nossa obrigação para com Deus, podemos reconhecer o dízimo como um meio prático, satisfatório e bíblico de reconhecer nosso débito.

Mas, em última análise, a consideração do dízimo não pode findar em especulação e discussão. Ele requer coragem para fazer uma decisão e dizer: "esta é a hora para eu começar a entregar o dízimo".

Cada cristão enfrenta o fato de que não há melhor momento que o presente para lançar-se nesta aventura. Adiá-la significa privar-se dos valores permanecentes que os dizimistas sempre testificam que têm recebido do hábito regular de dar um décimo.

Muitos cristãos têm começado a entregar o dízimo como uma experiência. Encorajados pelo pastor ou por um professor da Escola Dominical, tentaram por de lado 10%, de seus vencimentos durante um breve período como a época do Natal ou da Páscoa. Eram muitos casos os valores do dízimo se fizeram sentir neste curto prazo, para grande satisfação dos dizimistas que continuaram durante os anos seguintes a reconhecer a bondade de Deus pela apresentação de seus dízimos.

Os tesouros espirituais resultantes desta maneira de lidar com as posses terrenas são tão evidentes que eles podem permanecer firmes ou não como princípio cristão, considerando-se o que acontece na vida de um indivíduo que entrega o dízimo mesmo durante um período curto de oito semanas. Naquele tempo mínimo de experiência ele apanhará ecos de gozo permanente. Poucas pessoas que aceitam um período de experiência no espírito de entrega, falham em receber alívio das tensões acerca do dinheiro ou uma segurança estranha e maravilhosa através de bênçãos materiais adicionais e um senso crescente de divina presença que transforma a vida. Há poucos que voltam atrás depois de um período experimental com o dízimo, porque ele marca o começo de uma experiência mais profunda na proximidade de Deus que será reconhecida como a mais preciosa possessão que qualquer indivíduo pode conhecer.

NA INFÂNCIA E NA JUVENTUDE

A infância ou juventude é uma boa ocasião para começar a entregar o dízimo. Os primeiros níqueis que uma criança ganha parecem ter um valor peculiar. Um padrão para a vida pode ser estabelecido se um cristão jovem separar o dízimo para Deus desde o início, seja da mesada seja do salário.

Um pai contou sua experiência com uma filha da escola secundária a um grupo de cristãos que discutiam o dízimo. Ele disse: "Persuadi minha filha Alice a separar como dízimo 5 centavos de dos primeiros 50 centavos de dólar que ela ganhasse, tomando conta de crianças. Cinco centavos não parecia muito, mas eu sabia que era ótimo começar com seus primeiros ganhos. Não se trata tão somente de valores, mas de princípio. Comecei a entregar o dízimo desde o primeiro dólar que ganhei na fazenda. Eu desejo que meus filhos tenham a mesma alegria que a minha prática de ser dizimista me trouxe". Em resposta a questões ele explicou que sua filha pôs os primeiros 5 centavos que eram seu primeiro dízimo numa caixa de jóias. Lá eles permaneceram durante um mês, aumentados por outros 5 centavos.

- "Senti-me recompensado por todo o esforço que fiz em ensiná-la a praticar o dízimo", ele disse, "quando vi a expressão de seus olhos quando colocou seu envelope na salva de coleta. Nunca a vi tão radiante como naquele dia".

As crianças e os jovens desta geração geralmente têm mais dinheiro que aqueles de tempos mais remotos. Muitos meninos e meninas gastam uma grande quantia em doces, sorvetes, cinema, viagens, livros, equipamentos eletrônicos, diversões públicas. As mesadas que são dadas a estudantes colegiais freqüentemente aproximam-se do pagamento que os trabalhadores recebiam há uma geração atrás.

Hábitos persistentes de descuido no uso do dinheiro são estabelecidos quando os jovens recebem aquilo que não ganharam pelo trabalho e depois gastam-no sem reconhecer a fonte última de onde provém as riquezas. O dízimo ajuda-os a lembrar-se de que o dinheiro tem sua origem nos trabalhos de Deus e através do labor e da fé de seus pais. Para todos, o dízimo é uma ajuda efetiva na construção de um senso de obrigação de usar todo o dinheiro com sabedoria.

A infância e a juventude são boas épocas para começar a entregar o dízimo. Os valores adquiridos pelo hábito certamente serão numerosos, e um padrão de vida abundante para toda a vida será estabelecido naquele período formador.

EM DIAS DE DIFICULDADES

Tão logo as pessoas tivessem a experiência de fé, aceitando e/ou reconhecendo a Jesus Cristo como Senhor e Salvador e participando de uma comunidade de fé (Igreja), elas deveriam ser educadas e desafiadas para praticarem o dízimo como parte da mordomia cristã e como responsabilidade missionária e espiritual.

Muitas pessoas não dão o dízimo porque são indisciplinadas, seja porque gastam mais do que ganham, seja porque não têm a visão de separar o dízimo antes de quaisquer outros compromissos, seja porque são tão somente desorganizadas. Outras pessoas não são dizimistas por imaturidade espiritual, por não gostarem do pastor, do tesoureiro da igreja, do bispo, etc... Na verdade estão sempre procurando motivos para não serem leais dizimistas.

Algumas pessoas são dizimistas irregulares, contribuindo apenas uma, duas ou três vezes por ano. A Igreja e o projeto missionário não podem contar com os recursos dessas pessoas regularmente, pois são irregulares na entrega do dízimo e infiéis no compromisso e sustentar a Igreja e o avanço missionário. Outras pessoas só contribuem com o que lhes sobra, e o dízimo mais parece uma esmola do que uma oferta de gratidão, sacrifício e confiança. Outras ainda só contribuem quando tudo está bem. Basta uma pequena tribulação e eles deixam de ser dizimistas, como que buscando garantir a todo custo a sobrevivência, o pagamento das contas, etc, esquecendo-se do compromisso, da fidelidade e da fé cristã que nos desafia a confiar e esperar em Deus, em tempo e fora de tempo, nos momentos de sucesso e grande alegria e também nos momentos de tribulação, privações e dificuldades. "Melhor confiar na fidelidade de Deus em nos sustentar e abençoar do que na ilusão de que 10% vai nos suprir naquilo que precisamos".

Os dias de dificuldades são uma época satisfatória para começar a

entregar o dízimo. Muitas pessoas inauguram o hábito do dízimo quando a vida é difícil, o dinheiro escasso, numa péssima situação. Freqüentemente falam dos momentos de pobreza e provações quando falam das circunstâncias em que começaram a entregar o dízimo.

Um pastor em Newark, New Jersey, fala de uma família que entregou o dízimo durante muitos anos de opressão econômica. Ele descreveu a família como sendo a mais pobre da paróquia. Quando perguntou à mãe como puderam ser capazes de entregar o dízimo com tal regularidade, ela respondeu: "primeiro tirávamos o dízimo e o guardávamos num lugar especial. Desta forma nunca nos esquecemos dele e permitia que começássemos bem o orçamento".

Muitos dizimistas testificam o fato de que o dízimo parece aumentar miraculosamente o poder aquisitivo dos remanescentes 9 décimos (90%). G. Stanley Lynch, da Filadélfia, Pensilvânia, relata como ele e sua esposa colocaram à parte seu dízimo começando com o primeiro salário de 18 dólares por semana. Ele declara que, embora a vida fosse dura naqueles dias, ele e sua esposa achavam que sabiam cuidar de suas necessidades opressivas usando os nove décimos que lhes restavam depois de tirado o dízimo do Senhor.

Os dizimistas que começaram o hábito durante épocas de dificuldade financeira muitas vezes são testemunhas ardorosas que falam da maneira pela qual seu hábito de entregar o dízimo resultou em bênçãos materiais, extraordinárias. Não é sábio uma pessoa decidir-se pelo dízimo com a esperança de que obterá mais dinheiro, ou um emprego de mais responsabilidade, como resultado do dízimo. Entretanto, nenhuma ponderação imparcial de fatos observados pode evitar a conclusão de que os dizimistas experimentam bênçãos maravilhosas, inclusive bênçãos materiais. Não se trata, portanto, de troca ou barganha com Deus, mas de confiança na providência divina.

G. A. Anderson, de Aurora, Illinois, conta-nos que recebeu um desafio para entregar o dízimo em uma convenção cristã em 1892. "Como adolescente fui levado face a face perante o dízimo pela primeira vez", disse ele. "Que fazer? Meu salário era de 40 dólares por mês e 30 eu entregava à minha mãe. Poderia eu entregar o dízimo dos 10 dólares que me sobravam?" Ele decidiu experimentar e mantém-se firme desde então. "Através dos anos", ele diz, "têm surgido maiores responsabilidades e meios, e tem sido possível para mim entregar o dízimo numa escala maior. Sou humildemente grato ao Senhor pela Sua bondade para comigo, e eu desejo entregar-Lhe uma boa importância das posses com que ele me abençoou".

É sempre uma tentação ser mercenário em relatando as recompensas materiais do dízimo. Muito freqüentemente, as pessoas cujas vidas foram enriquecidas chamam a atenção para os cruzeiros e centavos. Eles deixam a pessoa que não conhece o dízimo concluir que aqueles que estão narrando suas experiências, estão dizendo: "Eu pago Deus; Ele me retribui". Defendem, portanto, a teologia materialista da prosperidade material, na qual a fidelidade de Deus pode e deve ser medida apenas em bênçãos materiais, sucesso e enriquecimento. Uma teologia que fere radicalmente tudo o que Jesus foi, viveu e pregou.

Mas, perdemos um fato demonstrável se não reconhecemos que os valores que vêm do dízimo são tanto temporais como eternos. O melhor é o indivíduo experimentá-lo por si mesmo. "Provai-me, e vede se eu não abro as janelas do céu", escreveu o profeta Malaquias. É este desafio que motiva aqueles desejos de ver os resultados materiais do dízimo. Mas é sempre importante lembrar que “abrir as janelas do céu” não significa exclusivamente bênçãos materiais, mas todo tipo de bênção. A bênção de todas as bênçãos é a presença de Deus e seu amor sendo derramado continuamente sobre nós. Para muitos cristãos, é-lhes suficiente saber que a prática é o mais direto e efetivo meio pelo qual alguém pode externar seu agradecimento a Deus. Depois, de uma maneira que está além da compreensão humana, ele recebe copiosas bênçãos do alto.

Épocas de opressão e circunstâncias financeiras apertadas são épocas satisfatórias para começar a entregar o dízimo. A experiência demonstra-o bem.

EM PERÍODOS DE DÚVIDA

Muitos começam a prática do dízimo durante períodos em que as dúvidas os afligem. Incertezas intelectuais, e questões que se originam em necessidades ou doenças, quase sempre sufocam a fé cristã. Em muitos destes momentos uma afirmação positiva, embora fraca, é suficiente para levar o indivíduo avante, para outras vitórias espirituais. Mas é difícil encontrar um pequeno lugar onde colocar a fé quando o desespero e a dúvida cobrem o horizonte.

É agora, então, que o dízimo se torna um instrumento curador na mão de Deus. O dízimo é prático: é definido. Leva o indivíduo a fazer uma afirmação que ele não pode exprimir. Ele sabe que há um Deus, mas ele não sabe como é esse Deus, ou quais são suas relações para com as necessidades daqueles que O procuram. O dízimo ajuda tal pessoa a abrir sua mente e coração para deixar Deus trabalhar. Ele se torna o agente pelo qual a dúvida é colocada fora de ação e a fé se torna uma força curadora naquela vida.

Uma mulher veio pedir-me um conselho. Havia sérias tensões em seu lar que ameaçavam terminar em divórcio. Tanto o esposo como a esposa eram membros da igreja e até aquela época haviam freqüentado os cultos regularmente. Tornou-se evidente desde a primeira conversa que a mulher havia perdido sua fé e com a fé havia abandonado os propósitos da vida cristã. Mas, além das palavras agudas, e os argumentos amargos que dividiam a família, tornou-se evidente que os problemas do dinheiro eram o maior fator. A maioria das discussões do lar centralizavam-se em dinheiro. Tanto o marido quanto a mulher estavam convencidos de que o outro estava gastando muito dinheiro com prazeres pessoais, egoísticos.

Esforcei-me para ajudar o jovem casal a reaver sua fé. Uma única conferência indicou que nenhum dos dois desejava esfacelar aquele lar. Ambos procuravam uma solução para o dilema que os confrontava, mas as brigas constantes serviam somente para alargar o golfo (o abismo entre eles).

"Entrega" era a palavra que deveria ser colocada em suas mentes. Ambos precisavam entregar suas vidas a Deus e buscar aqueles meios que nos mantêm unidos com Ele. Depois de horas de conselho e oração, ambos expressaram o desejo de viver de acordo com a vontade de Deus. Ou seja, o desafio seria o casal viver, conviver e usar o dinheiro e recursos levando em conta o que chamamos de mordomia cristã.

Então, sugeri ao casal que começasse a entregar o dízimo no Altar do Senhor, porque se o dinheiro até então foi causa de tribulação e tensão, a partir de agora deveria ser uma bênção na vida do casal e ser parte da entrega da vida do casal e da família nas mãos de Deus. O dízimo pareceu uma medida prática que ajudaria aquele lar. Um tanto hesitantes, mas ansiosos para tentar qualquer coisa que ajudasse a trazer felicidade ao seu lar, concordaram em entregar suas vidas a Deus e também o dízimo.

Os meses se passaram. Aquela solução não foi suave nem todos os problemas foram resolvidos. Mas o casal cresceu na fé em Deus, e no amor e compreensão entre si. Fielmente, mantiveram seu acordo de orar diariamente e serem fiéis a Deus em todas as coisas, inclusive nos sustento da Igreja e no avanço da missão.

Quando lhes foi perguntado sobre os resultados, ambos concordaram que o dízimo havia sido difícil a princípio, mas ajudou a resolver muitas das dificuldades financeiras eliminando a tensão que o dinheiro causava em seu lar. Com a prática do dízimo o casal aprendeu a lidar com o dinheiro como uma bênção para suas vidas e não um instrumento para satisfação de desejos egoístas; aprenderam a olhar para além de si mesmos.

Para muitos cristãos e para muitos lares o hábito regular de entregar o dízimo mostrará o caminho para a vida abundante e para a segurança satisfatória da presença de Deus.

DURANTE O SUCESSO OU PROSPERIDADE

Alguns começam a prática da entrega e consagração do dízimo no Altar do Senhor durante os períodos de sucesso comercial ou na prosperidade de suas vidas e empresas. É estranho, mas verdadeiro, que o dízimo se torna mais difícil quando os cristãos adquirem de Deus mais largas somas de dinheiro. A experiência nos mostra que quanto mais as pessoas têm, mais gananciosas elas vão se tornando e mais dificuldades elas têm de repartir e de entregar o dízimo. Quando os valores dos salários são generosos, ou quando a renda de um negócio alcança grandes proporções, é fácil para um cristão achar que não precisa dar o dízimo ou a quantia que é o dízimo é tão grande que ele tem dificuldade em aceitar entregar como dízimo aquela importância para a igreja e para seu trabalho ao redor do mundo.

Na verdade, a pessoa de riquezas não está dando de seu próprio dinheiro. É um tesouro que tem sua fonte no amor de Deus, que o beneficiou. É privilégio do cristão reconhecer a bondade de Deus quando separa e consagra seu dízimo. Depois, ele pode procurar ser um bom mordomo do dinheiro do Senhor quando o distribui nos lugares de necessidade.

O privilégio de consagrar o dízimo ao Senhor é daqueles que possuem grandes fortunas materiais tanto quanto daqueles que estão vivendo com rendimentos insignificantes. Mas, o plano a ser seguido é o mesmo. Dar por cento do rendimento é posto à parte na “conta de Deus”. Aquela importância é administrada como um mordomo administraria uma casa. O dinheiro é colocado à disposição da igreja para o trabalho de Cristo aqui e em outras terras. As necessidades dos hospitais e colégios, e agências de beneficência estão tomadas do ansioso desejo de usar o dinheiro do Senhor da maneira mais frutífera.

Os dizimistas de maiores quantias sempre encaram a tentação de considerar o dinheiro que dão como sendo seu. É fácil tornar-se critico da maneira pela qual o dinheiro é gasto, ou procurar dominar os usos aos quais os fundos são dirigidos. Naturalmente, o dizimista deve estar interessado em que o dinheiro de Deus seja usado da maneira mais útil, mas não deve esquecer-se de que o dinheiro não é seu. Ele não ditará o que deveria ser feito dele, nem será tentado a lisonjear-se pela aclamação que parte daqueles que o honram por sua generosidade. O dízimo para ser espiritualmente útil, deve ser acompanhado por um anseio de dar todo o crédito a Deus, e por um desejo muito grande de ter a igreja e suas instituições moldadas segundo o propósito e vontade de Deus. Mesmo em relação à prática do dízimo podemos seguir os ensinamentos de Jesus: 1) que a mão esquerda não saiba o que a direita está fazendo; 2) o que se exalta será humilhado e o que se humilha será exaltado; 3) depois que tiver feito tudo devemos nos apresentar a Deus como servos inúteis e sem valor, ou seja, sem arrogância e prepotência; 4) ____

AGORA É A ÉPOCA

Nenhum tempo é mais aceitável que o presente para começar a entregar o dízimo. Todos os cristãos têm recebido um abundante tesouro das mãos de Deus. Sua misericórdia e Seu amor têm sido infindáveis. Para cada seguidor de Jesus a porta da oportunidade para um poder novo e vital para a vida diária está aberta sempre que o dinheiro seja uma parte da vida entregue a Deus.

O dízimo é um glorioso privilégio pelo qual podemos declarar nossa gratidão a Deus pela vida e pela família, pelo lar e pelo país, e pela misericórdia providencial e sem fim que Deus estende a todos os Seus Filhos.